



BRASIL AGORA



ANO II Nº 25

12 A 25 DE OUTUBRO DE 1992

CR\$ 7.000,00

SEGUNDO TURNO

A esquerda disputa em várias capitais e cidades do interior.

PÁGINAS 8 A 11

LULA E BARELLI

Governo Itamar, eleições municipais, segundo turno...

PÁGINAS 4, 5 E 6



SÉRGIO ANDRADE/FOLHA IMAGEM

MAR DE SANGUE

Ação da PM desmascara a política de segurança do governo Fleury.

PÁGINA 16



LUCIANA WHITAKER/FOLHA IMAGEM

SERÁ A BENEDITA!

Nas eleições, crescimento da esquerda e derrota de quem foi arrimo de Collor, como Brizola e ACM.

PÁGS. 7 A 13

TEMPO E VIDA

Dezesseis e trinta e cinco de quê? De vida fracionada em tempo, de tempo passado em vida, de vida em tempo de ser e de como ser, ser o quê, para que, por que e para quem?

Vamos passando essa vida medida em tempo, sem que busquemos respostas, sem termos feito as perguntas, apenas nos movendo ao ritmo dos ponteiros, na superfície, sem grandes preocupações de mergulho em nós mesmos e no meio que nos contém, sem propósitos de nos considerarmos homens interdependentes com os demais e só por isso homens.

Vamos passando esse tempo medido em vida e, de repente, são dezesseis e trinta e cinco de um dia, de um ano, de um século, de um tempo imenso que não se deixa fracionar, porém fraciona tudo e todos, inapelavelmente.

Nesses dezesseis e trinta e cinco, inexatamente, eu tenho vontade de sentir-me parte atuante desse conjunto tempo, vida e homem, enquanto sou e estou, enquanto ainda é tempo, aqui e agora.

ZILDA FERRAZ JIMENEZ
São Paulo, SP

SAÚDE JÁ

Em 1991 foram contabilizados 55 mil novos casos de tuberculose, 600 mil casos e três mil óbitos por malária. A mortalidade infantil registrou 64 óbitos de menores de um ano, por mil nascidos. O Brasil é recordista mundial em acidentes de trabalho. Morrem em média 5 mil trabalhadores por ano, sem contar o imenso número de subnotificações e as doenças decorrentes das condições de trabalho.

Esse quadro mostra que não resolvemos a trágica situação de doenças infecciosas de massa. As mudanças dependem das condições materiais de vida da população. Passamos a conviver com um novo quadro sanitário relacionado às mortes e doenças causadas por acidentes de trânsito e trabalho, assassinatos, câncer, problemas circulatórios.

Talvez nós brasileiros tenhamos dificuldades em explicar no futuro como convivemos em uma sociedade onde a vida dos cidadãos vale tão pouco.

O Estado não pode continuar subsidiando os empresários da saúde. Nos últimos 20 anos mais um ramo de acumulação capitalista se consolidou no Brasil, a saúde.

O governo federal investiu pouco na implementação de serviços públicos. Preferiu repassar verbas para o setor privado, com a intenção de desenvolver um amplo setor particular de prestação de assistência à saúde com recursos provenientes da previdência. Isto é consequência da criação de elos entre a burocracia estatal e grupos de empresários da saúde que cresceram e obtiveram lucros consideráveis.

DIÁLOGO

"Transparência e Cidadania: no país onde o abuso do poder econômico nas eleições é regra, quero que minha campanha seja ética e todos saibam quem a financia. Por isso, criamos o Tele-Suplicy. Você telefona para 0800-1313 e mais dois números (05 ou 10 ou 50 ou 90) registrando sua contribuição, que será debitada em sua conta telefônica. Disque o Tele-Suplicy e faça parte da nova cultura política para o Brasil!"

EDUARDO SUPPLY



Há dois filões: o primeiro são os serviços hospitalares, que têm como representante de seus interesses a Federação Brasileira de Hospitais. Esse ramo do sistema privado conseguiu beneficiar-se nas décadas de 70 e 80 com financiamentos públicos através da Caixa Econômica Federal. O segundo é a sangria do Estado na saúde, são os convênios privados de empresas de medicina e odontologia de grupo.

Os escassos recursos destinados à área de saúde pelo governo federal não são aplicados na rede pública, e enriquecem ilicitamente alguns empresários.

Critica-se o sistema público. Acusam-no de ineficiente. Mas não há dúvida de que o sistema público historicamente é utilizado para garantir o capitalismo sem riscos para os liberais brasileiros.

GILBERTO ALFREDO PUCCA JR.
São Paulo, SP.

FUZUÊ EM NEW YORK

No dia 6 eu dei uma esticada a Nova York, para participar do "festival brasileiro". Conheci o Deivy, lutador batuta. Vamos à festa. A 46 entupida de brasileiros. Na maioria a classe média lúmpen.

Eu de preto, dos pés a cabeça. O Deivy desfralda a bandeirona vermelha do PT. A bandeira flutua entre pontos negros. Alguém berra: Fora Collor! Está formada a passeata.

Os gestos em sua maioria são de simpatia. As adesões vão surgindo. Há os "revoltosos tapados". Gilberto tinha razão. Os colloridos são burros na maioria. Como o digno animal, empacam, não dão o braço a torcer. No momento tentam esconder as longas orelhas.

Animação no espírito. Na frente vai um caixão do Fernandinho, bonecos do PC Farias enforcado. A passeata chega à Quinta Avenida. Um fantoche, representando um descamisado,

urra por ter sido engrupido. Um Lulinha barbudíssimo consola o desgraçado.

O teatro continua. Deivy vai segurar um boneco e me pede para segurar a bandeira. "Com prazer". Mas o incidente está marcado para mim neste dia. E nem urubu tem nesta terra. Estou eu, olhos e ouvidos abertos no teatrinho, com a minha bandeirona, quando sou sacudido pela retaguarda. Me viro e dou com uma senhora baixinha, dos seus 50 anos pra lá, uma dondoca, físico de batata, coberta de jóias.

Ela se dirige para mim. Os labiozinhos fininhos contraídos. "O senhor é brasileiro?"

"Sim!"
"O que o senhor está fazendo com essa bandeira aqui?" berra a bruxa com um ódio gratuito, assim à queima-roupa.

Eu demoro um pouco a entender, mas lá dentro já se acendeu um paviozinho que anda meio curto com tudo que tem acontecido no nosso país.

"Isso é um problema meu, minha senhora", retruco.

"Pois eu moro há catorze anos nessa cidade e não admito que o senhor levante essa bandeira aqui. Se o senhor é brasileiro se vista de verde e amarelo e vá agitar suas bandeiras no Brasil", a bruxa de verde e amarelo me ataca como a um lacaio.

Eu perdi as estribeiras. A bandeira risonha é agora uma bandeirona vermelha de indignação. Calculo rapidamente, catorze anos. A bruxa chegou aqui durante o regime militar, deve ser mulher de um adido-de-porra-nenhuma, desses que infestam o corredor Washington-NY, saqueando silenciosamente o bolso da nação.

Solto o verbo. "A senhora, sua f.d.p, está pensando que está no Brasil de catorze anos atrás? Com que direito me manda abaixar ou levantar a bandeira, ou me vestir desta ou daquela cor?" A velha estremece. Eu a sacudo pelo braço e aponto para

uns guardas. "Ordene a eles para abaixarem a bandeira ou que me prendam!"

E então ela se viu imponente, enxergou que não estava na ditadura do gorila Figueiredo. E foi aí que veio o perigo do fu-zuê, pois quando o argumento acaba... A bruxa veio espumando para cima de mim, com as unhas mal esmaltadas, assim pontudas, em direção ao meu rosto, e a bandeirona era agora a bandeira da indignação desbragada contra todos os que passeiam impunes sobre o sangue de um povo.

A bruxa veio se aproximando, me deu um branco e fui enrolando a bandeirona a ponto a dar-lhe com o pau da bandeira nos cornos com tal energia que ia ser uma merda... Mas foi aí que a sábia rapaziada do PT me segurou, seguraram a velha, que saiu imersa em vaias, desmoralizada, louca de raiva e importância.

E eu enxerguei na plenitude o que tinha acontecido. Aque-la velha encarna a famosa figura do PROVOCADOR. Se ocorresse o confronto, no outro dia estaria nos jornais: "Petista agride velhinha".

Mas a festa continua. O incidente foi, graças aos céus e ao bom senso dos petistas, apenas um incidente.

Mas para que servem as passeatas? "Não adianta nada, isso é um caso perdido", novamente algumas vozes ruidosas zurraram, as orelhas escondidas nas cartolas. Três dias depois as respostas nos jornais. "A viagem do presidente Collor a NY, para abrir a sessão da ONU, foi cancelada. O motivo é que os diplomatas e conselheiros de sua excelência desaconselharam a viagem, devido a possíveis manifestações da comunidade brasileira de NY." Ovos e tomates em NY são realmente o fim da picada.

DANILO FONSECA
Nova York, EUA.

Este é um trecho da carta enviada para sua irmã Denise Fonseca.

COLLOR EM PARIS

"Deputados brasileiros oferecem a cabeça de Collor." "Brasil derruba o presidente Collor." Sob títulos deste tipo os jornais franceses destacaram em primeira página os acontecimentos da terça-feira negra do ex-presidente Collor. O mesmo ocorreu nos noticiários das TVs e rádios francesas.

Imagens e manchetes foram unânimes: a presença cada dia maior das manifestações de rua e a imprensa, ao lado de lideranças políticas e sindicais, reverteram qualquer possibilidade de outro resultado que não aquele ocorrido no Congresso.

Destaca-se aqui inclusive uma declaração atribuída a Antônio Carlos Magalhães, o último político peso-pesado ainda fiel ao presidente, reconhecendo que graves perturbações poderiam ocorrer caso o impeachment fosse rejeitado.

Ao lado das notícias sobre as últimas manobras tentadas pelo Planalto, a maioria da imprensa escrita fez longas exposições sobre o que foi o governo Collor, descrevendo em detalhes os lances de marketing daquele que se dizia modernizador, caçador de corruptos e marajás. Collor sempre considerou que os 35 milhões de votos obtidos lhe asseguravam uma impunidade total, destacou o Liberation, em matéria de página e meia!

Além de Collor e PC houve destaque também para Rosane Collor e Zélia Cardoso de Mello.

No caso da ex-primeira dama de Canapi, fizeram referências às investigações da Polícia Federal sobre os desvios de verba de uma instituição de caridade, que teriam ocorrido sob sua presidência. No caso de Zélia, ao lado de comentários sobre bilhetes amorosos que trocava com o seu colega da Justiça sob a mesa do conselho de ministros, a imprensa francesa destacou que ela está fortemente implicada em operações suspeitas, como o caso da manipulação da cotação do café no mercado a termo americano.

Por outro lado, o vice-presidente Itamar Franco chega a ser considerado um enigma para alguns órgãos da imprensa. Pouco se escreve ou se opina sobre ele. Dão conta de que teve apenas relações estritamente protocolares com o ex-presidente Collor e que nos últimos dias vinha a todo vapor mantendo contatos políticos com os principais líderes da oposição para a formação de um novo governo.

Percebe-se nitidamente uma imagem bastante positiva dos últimos acontecimentos ocorridos no cenário político brasileiro. As imagens das multidões nas ruas, dos jovens de rostos pintados, ganharam a simpatia dos franceses.

JURANDIR FERNANDES
Paris, França.

CAMPANHA DE FINANÇAS DO RS CONTRIBUA PARA A VITÓRIA DO PT
DEPOSITE NA CONTA 13.000-1 BANCO DO BRASIL AGÊNCIA 0010/RS

DIRETOR: JOÃO MACHADO. EDITOR: RUI FALCÃO. REDAÇÃO: ANTONIO MARTINS, FÁVIO AGUIAR, JUAREZ GUIMARÃES, MOUZAR BENEDITO, VALTER POMAR. SECRETÁRIA: ADÉLIA CHAGAS. SUCCURSAL RIO GRANDE DO SUL: LUCIANE FAGUNDES, JOSÉ LUIZ LIMA E MARCO ANTONIO SCHUSTER. COPIDESQUE E REVISÃO: CELSO CRUZ. DITADAÇÃO: ELIZABETE D. DA SILVA. EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: CACO BISOL, SILVANA PANZOLDO E JOTA. PRODUÇÃO GRÁFICA: FÁBIO CIAMBRA. COLABORADORES: ALAN RODRIGUES, ALIPIO FREIRE, ALOÍSIO MORAIS, ANDRÉ SINGER, ANTONIO CARLOS FON, ANTONIO CARLOS DE QUEIROZ, CLOVIS CASTRO, BERNARDO KUCINSKI, BRENO ALTMAN, CARLOS E. CARVALHO, CELSO HORTA, CELSO, CINTIA CAMPOS, CLÁUDIO SCHUSTER, DENISE NEUMANN, EDMILSON DE SOUZA, EMIR SADER, EUGÊNIO BUCCI, FERNANDA ESTIMA, FERNANDO PAIVA, FIAMARION MAUÉS, FLÁVIA DE SAMPAIO LÊTE, FÁVIO LOUREIRO, DA COSTA, GENARO URSO, HELO SILVA, IVAN SEIXAS, ISAAC AXCELROD, JOÃO ANTONIO, JOSÉ AMÉRICO DIAS, JOSÉ ROCHA, JUSTINO PEREIRA, KIPPER, LINETE MARTINS, MANOEL ALVAREZ, MÁRCIA BRAGA, MÁRCIA MOREIRA, MÁRCIO BUENO, MÁRCIO VENCIGUERRA, MARCO ALBÉLIO GARCIA, MARCOS SOARES, MARIA LÚCIA BRANDÃO, MARIO AUGUSTO JAKOBKIND, MARINGONI, MARISA MELIANI, MARIZA DIAS COSTA, MIADAIRA, MILTON FOGO, NELSON RIOS, NILMÁRIO MIRANDA,

BRASIL AGORA

NORMA SUELI O. REIS, NORA NAPOU, OHI, PATO, PATRÍCIA CORNILLIS, PAULO BARBOSA, PAULO ROBERTO FERREIRA, PAULO ZILBERMANN, PEDRO ORTIZ, PERSEU ABRAMO, RAIMUNDO PEREIRA, ROGÉRIO SOTTU, RUTH BUENO DE ARAUJO, SÉRGIO CANOVA, SÉRGIO SISTER, WALTER ONO, WIADHAR POMAR. A OPINIÃO DOS ARTICULISTAS NÃO REFLETE NECESSARIAMENTE A LINHA EDITORIAL DO JORNAL.

BRASIL AGORA É UMA PUBLICAÇÃO QUINZENAL DA EDITORA BRASIL AGORA LTDA. - ALAMEDA GLETE, 1049 - CEP 01215 - SÃO PAULO/SP. FONES: 222-6318. FAX: (011)222-2865. GERENTE GERAL: HUGO SCOTTE. ADMINISTRAÇÃO: M^º ALICE DE P. SANTOS. ASSISTENTE: IVANILDA ALVES. CIRCULAÇÃO: JOSÉ LUIS NADAI, MARIA ODETE G. DE CARVALHO. ASSINATURAS: ANA MARIA ALVES, PAULO M. SOLDANO, GUIBA GENESTRA [DITADAÇÃO] - FONES: 223.2974 e 220.7718. EXPEDIÇÃO: PAULO E. SOLDANO. SERVIÇOS GERAIS: ELISLÂNDIA M. FERREIRA, FERNANDO S. SIQUEIRA, JOÃO A. GUEVARA, LUCILENE B. SILVA, MARCELO L. C. PONTES. IMPRESSÃO: DCI. DISTRIBUIÇÃO: DINAP S/A. TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 35.000 EXEMPLARES FORAM IMPRESSOS NO DIA 08 DE OUTUBRO DE 1992. JORNALISTA RESPONSÁVEL: RUI FALCÃO



O Brasil e a Espanha

A mobilização popular que levou à derrubada de Collor torna possível um segundo ciclo no caminho para a democracia no Brasil. O caráter conservador que ela adquiriu - expresso pelo governo Sarney e seu desdobramento na tentativa neoliberal de Collor -, que havia impresso sua marca no novo regime, tem nova oportunidade de ser revertido. Sete anos de frustrações - neoliberalismo, recessão, desemprego - não foram suficientes para quebrar a capacidade de mobilização popular.

Ao desafio de formular as vias de construção da democracia social e política no país se contrapõe o novo risco de cooptação da esquerda por parte das elites tecnocráticas derrotadas na versão Collor, mas revividas política, ideológica e tecnocraticamente em parte não desprezível da oposição.

SÓCIO-TECNOCRATAS. A transição espanhola - considerada por esses setores, especialmente os sociais-democratas, como um caminho que teria dado certo - percorreu uma trajetória similar. De sua etapa moderada, com Adolfo Suarez, passou a seu ciclo "socialista", com Felipe Gonzalez e o PSOE. Os mesmos objetivos, não conseguidos enquanto a oposição ao franquismo esteve unificada, foram colocados em prática por uma equipe tecnocrática, com discurso social-democrata, invocando razões inevitáveis da evolução do capitalismo internacional para quebrar a resistên-

cia dos sindicatos à reconversão industrial, garantindo a confiança do grande empresariado que pôde, assim, passar do franquismo ao PSOE como sua direção política. O grande capital monopolista e financeiro internacionalizado conseguiu, com a mão do gato, o que seus quadros não logravam, pela perda de legitimidade do antigo regime.

O segundo ciclo de transição por que o Brasil pode caminhar tem a possibilidade de adquirir um caráter de avanço democrático efetivo, mediante a derrota política do neoliberalismo, da priorização do crescimento econômico, do mercado interno, do combate ao desemprego, à baixa dos salários, das reformas do próprio Estado, para criar as condições de garantia dos direitos de cidadania à totalidade da sociedade. Para isso é preciso desenvolver uma política combinada entre as lutas institucionais e os combates sociais. O PT precisa se fortalecer como partido, como presença nos movimentos sociais, como governos municipais e ação legislativa, coordenada por direções políticas conscientes das correlações de força, do caráter dos enfrentamentos, dos temas e abordagens principais das lutas ideológicas.

ECO-PROMISCUIDADE. Mas este segundo ciclo pode assumir um aspecto similar ao da transição espanhola. Para isso pode contar com a força ideológica acumulada pelo neoliberalismo, inclusive na esquerda e

O sangue e a lama

Separadas por um espaço pouco maior do que 72 horas, o Brasil vivenciou a mais espetacular vitória popular da sua história e uma das mais dantescas demonstrações de bestialidade nazista que se tem notícia. A derrocada do governo Collor, na mesma semana do massacre do Carandiru, tornam praticamente inevitáveis as associações entre os fatos.

Longe de serem classificados com o rótulo fácil de coincidência, eles de certa maneira sinalizaram a bifurcação histórica posta à nossa frente: ou adentramos de vez na trilha da civilização, da democracia e da Razão, ou o atoleiro da barbárie - com sua nefasta mistura de sangue e lama - se abrirá de maneira irreversível.

APOIO POPULAR. Não nos iludamos. A chacina realizada num dos maiores presídios do mundo conta com consideráveis apoios na opinião pública. Para gente como os "carecas do subúrbio" até vastos setores das camadas baixas e médias da população, encurraladas entre a violência explícita da criminalidade e a miséria e falta de perspectivas, a "limpeza" realizada pela Polícia Militar foi um gesto extremamente positivo. Como diferenciar esta "limpeza", que alcançou em grande maioria presos pobres, negros ou nordestinos, das ações "purificadoras" da Gestapo e das S.A. hitleristas? Não nos esqueçamos que estas últimas também tiveram apoio popular.

A chamada "maioria silenciosa" tão evocada por Collor em seus esgares finais, aquela que não foi às ruas, que não pintou a cara e que, enfim, preferiu "não se meter", o que tem a dizer sobre o genocídio? O gran-

de problema é que a luta pela democracia que embalou o país nos últimos doze anos coincidiu com o maior período recessivo já vivido por nós, levando a desilusão a estas camadas da população com um regime de amplas liberdades. A não resolução de seus problemas imediatos de trabalho, saúde, moradia etc, acaba por criar o caldo de cultura propício para os governos "fortes" e para as políticas de segurança "duras", que se voltam contra os supostos responsáveis pelas dificuldades imediatas. Motes como "eu era feliz e não sabia" (no tempo da ditadura) são exemplos claros desse raciocínio.

Num episódio como este do Carandiru - onde o número de mortos suplantou em muito o "domingo sangrento" de Sarajevo, quando perderam a vida 35 pessoas dos dois lados - a pena de morte se mostra até uma proposta mais humana. Ela pressupõe um longo processo e amplo direito de defesa. Evidentemente não defendemos a pena capital, mas a comparação só sublinha o absurdo do ocorrido.

A RESPONSABILIDADE DE FLEURY. O governador Fleury sujou-se irremediavelmente com o sangue dos assassinados, ao montar uma farsa torpe para ocultar a opinião pública as dimensões da tragédia, a fim de não prejudicar o PMDB nas eleições. Sua irresponsabilidade e arrogância na condução das investigações o desqualificam como homem público e apontam uma única direção: não basta afastar o secretário de Segurança. O próprio governador está sob suspeição.

O P I N I Ã O

O neoliberalismo conta com uma estranha e promíscua comunidade de parlamentares economistas

no próprio PT, em certos de seus aspectos. Pode contar também com uma estranha comunidade de parlamentares economistas, que convivem no Congresso de forma promíscua ideologicamente, como se os imperativos técnicos da economia se impusessem sobre as prioridades políticas e sociais. Basta recordar como o plano Collor chegou a ser saudado por economistas do PDT, do PMDB e do próprio PT. Pode contar também com uma falta de política alternativa por parte das forças democráticas e populares, apesar do sério trabalho desenvolvido pelo governo paralelo do PT. Não há uma política global, que integre a política econômica no seu bojo.

A mobilização pelo *impeachment* deve servir de alavanca para, incluindo o plebiscito pelo parlamentarismo e as reformas constitucionais do ano que vem, avançar na democratização política do país, para abrir caminho para a democracia social. A luta contra o economicismo e o tecnocratismo são parte essencial desse combate pela cidadania plena do povo brasileiro.

EMIR SADER

O P I N I Ã O

No momento em que é afastado um presidente corrupto, não se pode conviver com massacres como o do Carandiru.

A encruzilhada rumo ao futuro precisa fundir a reflexão sobre os dois fatos, o movimento pró-*impeachment* e a chacina. Não é mais possível, quando se fala em ética na política, deixar de lembrar que ética pressupõe não só o fim às mentiras e à corrupção, mas também o fim da violência institucionalizada, e da truculência acobertada sob o seu epíteto de "segurança pública". É ilusório se pensar que basta o afastamento de um presidente para que vivamos no melhor dos mundos. Ao contrário, se as urgentes reformas para a eliminação da miséria não forem realizadas, a desilusão com o esforço democratizante abrirá a porta para novas aventuras totalitárias. O exemplo peruano está aí mesmo, bem fresco, na memória de todos.

GILBERTO MARINGONI



E D I T O R I A L

UM SEGUNDO DE METRALHA PARA REFRESCAR MEMÓRIA

Depois da lama, o sangue: para além de lamentável, a chacina ocorrida no Carandiru serve para refrescar a memória: o país das cenas de entusiasmada cidadania do movimento Fora Collor, capazes de forçar o afastamento constitucional de um presidente, é o mesmo onde os responsáveis pela segurança pública do estado pretensamente mais avançado da federação matam a sangue frio mais de uma centena de presos (página 16).

Este triste episódio reforça a opinião daqueles que, como Lula, entendem que o governo Itamar deve inverter a política econômica e social de seu antecessor, de triste memória (ver páginas 4 e 5). Mas os sinais emitidos pelo novo presidente, na composição de seu ministério, são para lá de contraditórios (página 6).

Não se pode dizer o mesmo, contudo, dos resultados eleitorais, que puniram exemplarmente aqueles que, como Brizola e ACM, emprestaram seu apoio ao Collor dos últimos tempos. É o PT que obtém destaque, comparando ao segundo turno, nas mais importantes cidades brasileiras (ver cobertura nesta edição).

Rumo ao segundo turno, o PT tem entre seus maiores desafios derrotar Maluf e, principalmente, diagnosticar os motivos pelos quais perdeu várias das cidades por ele administradas - especialmente no estado de São Paulo, que continua sendo o calcanhar de Aquiles do partido (página 9).

Ainda nesta edição, uma cobertura da evolução política na África Austral, onde os esforços pela paz são boicotados pela fome, pela guerrilha de direita e pelo regime do Apartheid (páginas 14 e 15).

O EDITOR

A TORTURA CONTINUA

O que seria um retorno tranqüilo da manifestação pró-impeachment em Porto Alegre quase virou tragédia para Ênio Bohnenberger, líder nacional do Movimento Sem Terra. Ele e outro agricultor foram interceptados e presos junto à rodoviária de Bagé, onde aguardavam ônibus para seguir para Livramento, onde estão assentados. Tudo aconteceu por volta das 5h30 da madrugada desta quinta-feira, 24.

Os agricultores aguardavam o momento de seguir para casa junto a um grupo de dez pessoas, quando dois brigadianos e o tenente Franco, comandante do 6º RPM, de Lavras do Sul, vestido à paisana, se aproximaram de Ênio e perguntaram se tudo estava bem. Ênio respondeu afirmativamente, mas o inquisidor negou e já foi empurrando o colono para o lado, não sem antes desfechar-lhe um soco no rosto, talvez para simular uma briga e justificar a detenção.

Imediatamente Ênio e o companheiro foram levados a interrogatório no posto policial militar instalado junto à estação rodoviária. Por diversas vezes, o tenente Franco apontou o revólver contra a cabeça de Ênio, fazendo ameaças de morte. Tomou a sacola do colono, periciou os documentos e atirou ao chão um rádio que ele carregava.

Ênio foi separado do companheiro, elevado preso num carro Fiat Uno da Brigada e acompanhado por uma caminhonete também da Brigada Militar. Seguiram até a periferia da cidade, Ênio sempre ameaçado de morte e interrogado sobre as ações do Movimento Sem Terra.

Durante o trajeto Ênio, foi novamente espancado e ameaçado de morte pelo tenente Franco, vestido à paisana.

Depois de quarenta minutos de seqüestro e tortura, o líder dos sem-terra foi abandonado num lugar ermo, na periferia da cidade.

CLÁUDIO SOMACAL,
de Porto Alegre



“O PT não precisa, não

Segundo Lula, ninguém sabe ao certo o que Itamar vai fazer.



Na foto, o velho estilo, que agora é acompanhado de muita conversa e negociação

Alguns setores têm criticado o PT, porque o partido tem se declarado oposição ao governo Itamar. Qual é a posição do PT?

O partido não declarou ser oposição ao governo Itamar, até porque o Itamar não declarou ainda ao que veio. Não existe na cabeça de nenhum brasileiro, pelo menos via imprensa ou Congresso Nacional, a clareza do que se propõe a fazer Itamar Franco. Eu, dei uma entrevista em Brasília dizendo que, se o Itamar Franco perguntasse se o PT seria oposição, eu responderia que se ele mantivesse a política recessiva do Collor, se não tomasse nenhuma atitude para a retomada do crescimento, se não praticasse uma política voltada para o campo, capaz de resolver os conflitos, se não revisse os acordos da dívida externa e se não fizesse uma política de ajuste fiscal, para fazer com que aqueles que tenham mais paguem efetivamente mais, se não fizesse uma política salarial de distribuição de renda, obviamente que o PT se colocaria na oposição.

O PT mais do que ninguém tem obrigação de torcer para que o governo Itamar dê certo nesses próximos seis meses. Senão nós vamos ter o povo na rua fa-

lando: olha aí, era melhor que o Collor voltasse. Ele tem que desmontar todas as bandi-

O PT, mais do que ninguém, tem a obrigação de torcer para que o governo Itamar dê certo nesses próximos meses.

tagens que o Collor fez nas estatais, rever a questão das privatizações, criar via Congresso Nacional uma comissão para poder cuidar das privatizações.

Embora não tivéssemos aceitado participar do governo, colocamos claramente que estávamos dispostos a discutir com outros partidos um programa mínimo de emergência, que pudesse ser aprovado via Congresso Nacional, para ver se mudava um pouco a situação do país. Essa tem sido a posição da Executiva do PT, essa foi a posição do PT em Brasília e acho que essa vai continuar sendo a posição do PT até que o Itamar monte totalmente o seu governo e diga à Nação quais são as suas metas principais.

Como você avalia as primeiras escolhas do Itamar para o ministério?

Tive a oportunidade de dizer para o Itamar, Quércia, Fernando Henrique Cardoso e Tasso Jereissati: o Itamar chegou à presidência da República, ganhou um bilhete da loteria que não tinha comprado, e tinha a oportunidade de fazer o ministério que ele bem entendesse. Poderia fazer um ministério com grandes figuras nacionais, sem precisar das pressões dos partidos políticos. Mas parece que ele fez uma opção contrária, de convidar alguns amigos seus para serem ministros. Uma opção também de contemplar alguns partidos políticos.

A gente também não pode medir o ministério pelos grandes nomes, temos que medir pela política que os ministros vão levar daqui para frente. E como nenhum deles disse ainda o que vai fazer, eu estou na expectativa de que esses ministros apresentem concretamente os seus programas de trabalho.

Como você vê a participação do Barelli no governo? Esta participação, em alguma medida, pode ser vista como uma presença do PT no governo?

Quando conversei com o Itamar, fiz questão de dizer

três coisas: primeiro, que não convidasse ninguém do PT, porque se convidasse as pessoas não aceitariam; segundo, que se ele convidasse e a pessoa aceitasse, o Partido dos Trabalhadores vetaria; e, terceiro, que poderia criar uma guerra dentro do PT, e nós não tínhamos interesse em ter uma briga por conta de ministério. Nós não estávamos dispostos a participar do governo por cargos. Estávamos dispostos a participar da discussão das medidas que o governo Itamar pretende im-

Mesmo que tenha perdido no ABC, o PT prova ter uma posição muito forte lá.

plantar no país. Nessa mesma reunião, apareceu o nome do Barelli como o de maior aceitação no movimento sindical brasileiro, nas três centrais, ou nas quatro, se se quiser levar em conta a CGT ligada ao MR-8. O Barelli tem trânsito na CUT, na Força Sindical, nas duas CGTs. O Itamar disse que já tinha pensado no Barelli, tinha enviado o Fernando Henrique para conversar com o Barelli e ele havia dito que não aceitaria. O Barelli conversou comigo,

“pode, não deve transigir”

Por isso não cabe se declarar em oposição ao novo governo.

disse que não aceitaria. Mas terminou por aceitar.

Fiz questão de falar ao telefone com o Barelli. Ele não é filiado ao PT, embora eu tenha amizade com ele desde 1969. O Barelli sabe que aceitou de livre e espontânea vontade. Eu até disse a ele que ele teria a grande chance de implantar no Brasil algo pelo que o movimento sindical vem brigando há muito tempo, que é o contrato coletivo nacional, e tentar criar condições mínimas para que os tra-

Não se pode medir o ministério pelos grandes nomes, mas sim pela política que os ministros vão levar daqui pra frente.

balhadores pudessem participar de forma mais efetiva na administração do Fundo de Assistência ao Trabalhador e do FGTS.

O Barelli é um bom nome, e caberia em qualquer outro ministério ou em qualquer governo, pela seriedade e competência. Agora, acho que ele tem consciência de que não é ministro do PT, e o Itamar também tem consciência disso.

Tivemos algumas surpresas muito felizes nas eleições mas algumas prefeituras geridas pelo PT foram perdidas. Como você avalia o resultado eleitoral?

Acredito que o resultado para o PT, em nível nacional, foi bom, um grande resultado. O fato de termos chegado ao segundo turno em treze cidades, das quarenta e poucas que têm segundo turno, entre as quais cinco das capitais mais importante do país, com candidatos próprios ou com aliados, demonstra que o partido cresceu. O partido hoje tem densidade nacional.

O fato de nós termos perdido cidades que governávamos é uma particularidade dessas eleições. Jamais imaginávamos perder em Jaboticabal, e perdemos. Desde que começamos a campanha, tínhamos dúvidas do que poderia acontecer em São Paulo, Santo André e São Bernardo do Campo. Acho que erramos de estratégia nessas cidades. Os adversá-

rios de 1988 se juntaram e é engraçado que o resultado que eles obtiveram agora é a somatória dos votos que tiveram separados em 1988. Nós ficamos estáticos, não ampliamos alianças, não cuidamos de tentar criar um racha entre eles. Tivemos praticamente a mesma votação de 1988, e eles somados tiveram mais do que nós.

Erramos, na minha opinião, quando o partido entendeu que sozinho podia vencer. Eu particularmente tinha opinado no sentido de que o partido fizesse uma aliança com o PSDB, muito menos pelo que ele representa em São Bernardo, mas porque assim se poderia levar o Mário Covas para falar para setores médios da sociedade, poderia levar o José Serra e outras pessoas. O partido teve a opinião de que sozinho poderia chegar ao segundo turno. E eu acho que o partido nestas cidades quebrou a cara.

Mesmo que tenha perdido no ABC, o PT prova ter uma posição muito forte lá: um partido que perde em Santo André com 36%, perde em São Bernardo com 38%, não pode ser considerado um partido frágil.

Qual vai ser a engenharia do PT, agora que ele enfrenta o PMDB em Porto Alegre, em Goiânia e no Rio de Janeiro, e aqui em São Paulo enfrenta o Maluf, tendo que buscar apoio no PMDB?

Acredito que a engenharia não seja tão difícil de colocar em prática. Eu, por exemplo, não tenho nenhum problema em procurar a direção do PMDB e pedir apoio aqui para o Partido dos Trabalhadores, da mesma forma que eles não tiveram quando o Fleury foi para o segundo turno contra o Maluf. Temos dois aliados importantes: os eleitores que votaram no Aloysio e os que votaram no Feldman. O mais importante é que temos ainda condições de pegar os 33% de votos nulos, brancos e abstenções. Temos que ter uma política para isso. E uma política para isso é trazer o Mário Covas para o palanque, o Aloysio para o palanque. É essa somatória que vai permitir, com uma boa política, um bom conteúdo na televisão, que a gente possa desmascarar o Maluf e ganhar as eleições.

Em Porto Alegre, apesar do Brizola dizer que vai apoiar o candidato do PMDB, temos obrigação de convencer

as bases do PDT a votar no PT e acredito que a base atenderá. No Rio de Janeiro, acho que vai ser a mesma coisa: a base do PDT irá votar no PT. Não tenho dúvidas, porque a base do PDT é um pessoal mais organizado, mais combativo, mais ligado ao movimento popular, e vai apoiar a candidatura do PT.

Em Belo Horizonte, vamos precisar do apoio do Ferrera, do Aécio Neves. E isso não tem que envolver necessariamente a direção nacional. Essas coisas podem ser resolvidas localmente, e os companheiros já estão trabalhando isso. As eleições de 1989 e 1990 nos deram uma lição. Quando a gente pensava que era difícil fazer alianças, as bases já estavam realizando alianças nas suas cidades.

O Quércia tem contra ele o caso VASP, o Fleury, o caso Carandiru. Várias figuras do PT têm dito publicamente que

O PT não precisa, não pode e não deve transigir na apuração do massacre do Carandiru e do caso VASP.

o PT não pode transigir nestas questões. Qual é a sua opinião?

O PT não precisa, não pode e não deve transigir. O PT tem que continuar exigindo a apuração do massacre na Casa de Detenção. Aliás, acho que o Fleury deveria ter afastado imediatamente o secretário de Segurança de São Paulo. Se o Quércia está envolvido em caso de corrupção, isso tem que ser apurado. Isso não proíbe que o PT converse com a direção municipal e estadual do PMDB. Não vejo por que isso possa trazer maiores problemas. Se tiver problemas é da parte deles, que digam publicamente que não querem apoiar o PT. Mas que não digam o que disseram em 1989: que não procuraram o PT porque o PT não os procurou.

Em 1988, uma grande vitória eleitoral projetou o Lula como forte candidato a presidência. Caso se confirme a grande vitória do PT segun-

do turno, qual a sua expectativa em relação a 1993 e 1994?

Não tenho muita ilusão com o fato de que ganhar prefeituras significa se fortalecer para as eleições em 1994. A verdade é que a nossa vitória em 1988 não fortaleceu a nossa campanha em 1989. Tenho dito que tivemos muitas dificuldades em 1989, exatamente por conta do imediatismo da população e por conta de nós termos gerado uma expectativa muito grande nessas cidades. A sociedade queria que em nove meses o PT tivesse resolvido os problemas da saúde, do transporte, da educação.

A direita habilmente jogava nas costas do PT a responsabilidade pelos problemas, e o PT não conseguiu dar respostas. Quem participou da minha campanha em 1989 presenciou que foi muito difícil fazer a minha campanha aqui no centro de São Paulo, na periferia. Agora vamos ter um pouco mais de chance, porque vamos ter dois anos.

A vitória pode contribuir de forma decisiva para criar condições para que o movimento popular possa participar das administrações. Não conseguimos criar os conselhos populares, ter uma relação eficaz com o movimento sindical, uma relação correta entre a administração e o partido.

Se acontecer isso, poderá haver uma contribuição enorme, não apenas para o plebiscito sobre a forma de governo, para a reforma constitucional, mas também para as eleições de 1994. Até porque o partido está calejado, já aprendeu, já amadureceu, já sabe onde errou.

DITO PELO DITO

Corria o ano de 1933. Getúlio Vargas, então ditador, escolhia seus interventores para governar os estados. Candidatos não faltavam. Em Minas Gerais, por exemplo, pesos - pesados da política mineira, como José Maria Alkmin e Gustavo Capanema, estavam à disposição... E muita gente fazia sua torcida, já que não podia votar - o único eleitor era Getúlio.

Às vésperas da decisão de Vargas sobre o interventor de Minas, muita gente foi de Belo Horizonte para a capital, Rio de Janeiro, como candidato ou para tentar dar uma forcinha (hoje isso chama-se lobby) ao seu preferido. Entre esses mineiros, dizem, foi um dentista que não estava muito aí para a política. Ainda segundo dizem, ele - Benedito Valadares - gostava mesmo era de tomar umas e outras com os amigos, era um boêmio muito conhecido na cidade. Foi para o Rio mais pela festa, afirmam.

Chega o grande dia. Getúlio fala pela Rádio Nacional, que estava pegando muito mal em Belo Horizonte. Ouvia-se poucas palavras entre um chiado e outro: "Dentro de inst... bzzz... Vargas... bzzz.... ventor bzzz Gerais. bzzz.... enção: o interv... bzzz Gerais é bzzz Valadares.

Ouviu-se só o sobrenome. Em Belo Horizonte foi uma surpresa. Nenhum Valadares estava entre os políticos escolhíveis.

- Valadares? Quem será? Até que alguém exclamou, entre admirado e interrogativo: - Será o Benedito?

Era. E nasceu aí a célebre pergunta: "será o Benedito?"

Pois é. Se um Benedito foi o preferido de um eleitor só, em outros tempos, surpreendendo todo mundo, no mesmo Rio de Janeiro uma Benedita foi surpreendendo aos poucos, crescendo, até virar vencedora do primeiro turno da eleição municipal, com todas as condições de vencer também no segundo. Os Beneditos são fogo! Já sonho ver uma mulher negra governando a cidade brasileira mais admirada no exterior.

MOUZAR BENEDITO



Um notável no Trabalho

A escolha de Barelli reforça as contradições do ministério de Itamar

A confirmação de Walter Barelli para o Ministério do Trabalho é a principal novidade no processo de formação do governo Itamar. A presença de Barelli quebra uma tradição instaurada desde 1964 - e não desconfirmada pela "Nova República" -, de nomeação de ministros que do Trabalho só vestiam o nome da função: do então coronel Jarbas Passarinho ao interventor Murilo Macedo até chegar ao corrupto Magri, desfilou toda uma galeria de personagens figurativos ou meros instrumentos de políticas antipopulares.

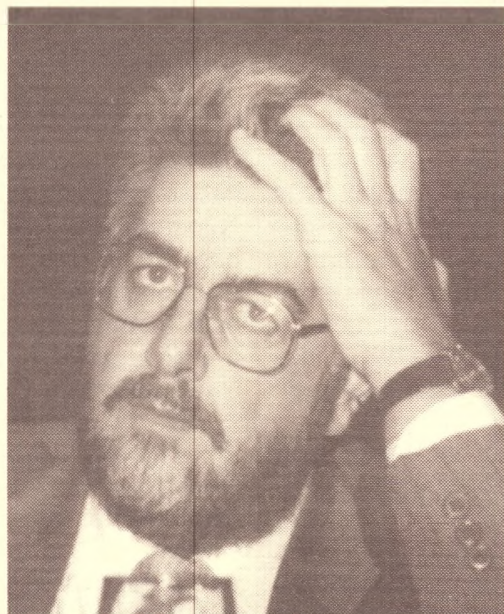
Os vínculos de Barelli com o mundo do trabalho e o campo democrático popular são sólidos e profundos.

Aos trinta anos, o recém pós-graduado em Sociologia do Desenvolvimento na USP tornou-se o diretor técnico do ainda pequeno Dieese. De 1968 a 1990, paralelamente à sua atividade de professor na PUC-SP, a sua trajetória se confundiria com a história do próprio Dieese, que firmou-se ao longo da década de setenta como a principal entidade nacional de assessoria dos sindicatos. Foi a partir de um estudo do Dieese, denunciando a manipulação do índice da inflação de 1973 pelo governo Médici - depois confirmada por Relatório do Banco Mundial -, que teve início a campanha salarial que desembocou nas históricas greves do ABC.

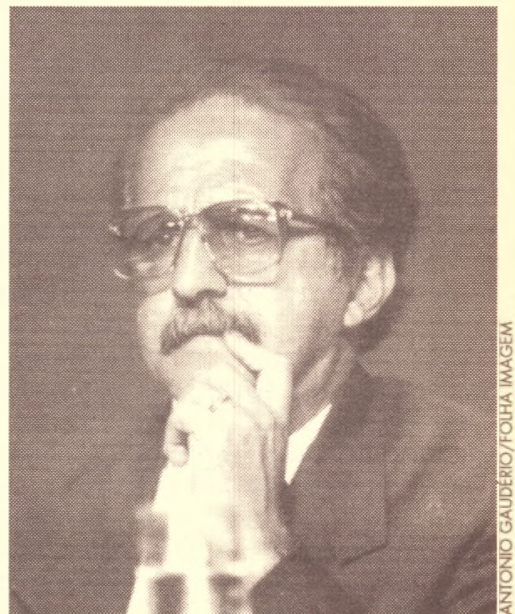
Já em 1989, Barelli tornou-se um dos principais assessores econômicos da candidatura da Frente Brasil Popular às eleições presidenciais. No ano seguinte, já licenciado do Dieese, tornou-se coordenador do Governo Paralelo, embrião de propostas alternativas e de um futuro governo democrático-popular, função da qual se afastou recentemente. Com esse currículo, em meio ao modismo avassalador das idéias neoliberais, Barelli tornou-se uma das principais personalidades de referência crítica dos traba-



ROBERTO JAYME/FOLHA IMAGEM



PAULO HADDAD/AE



ANTONIO GALVÃO/FOLHA IMAGEM

Barelli entre Krause e Haddad: no centro das disputas

lhadores. A indicação de Barelli para a pasta do Trabalho vem ainda endossada formalmente pelas três centrais sindicais. De fato, porém, apoiada enfaticamente pela CUT e com uma oposição moderada de Luís Antonio Medeiros da Força Sindical.

TEMAS EXPLOSIVOS.

Barelli condicionou a aceitação do cargo junto a Itamar a duas questões: a utilização dos fundos constituídos por recursos dos trabalhadores como o FGTS, o PIS-PASEP e o FAT em políticas sociais e a participação na formulação de uma política de rendas, incluindo com destaque a reformulação salarial. Tanto uma quanto outra o projetam para o centro de conflitos explosivos que marcarão o governo Itamar.

No próximo período, a pasta do Trabalho tratará de temas de grande repercussão na vida dos trabalhadores e do sindicalismo. A revisão constituio-

nal enfrentará a pressão já anunciada dos empresários para anular ou relativizar várias conquistas trabalhistas contidas na Carta de 1988.

Será votada a formação da futura estrutura sindical, com o tema-chave da adoção dos princípios da Convenção 87 da OIT. Estarão sendo negociados os direitos dos trabalhadores que regularão a formação do Mercosul.

A presença de Barelli no ministério Itamar será um ponto de questionamento, de peso ainda incerto, à adoção de políticas neoliberais. O fato de ter assumido com a oposição da Fiesp mas com o assentimento dos dois ministros da área econômica já nomeados - Paulo Haddad e Gustavo Krause -, revela a rota de choques futuros.

INTENÇÃO DE PACTO.

As presenças de Barelli na pasta do Trabalho e de Jamil Haddad na Saúde são reveladoras da ambigüidade de um governo cuja composição e base parlamentar são predominantemente conservadoras, mas que tem de fazer face à pressão popular

desencadeada com as mobilizações pró-impeachment e confirmada em geral nos resultados eleitorais do primeiro turno.

Ao que tudo indica, o governo Itamar trabalha para criar condições para um grande pacto social. O tema foi explicitamente tratado no encontro realizado em Brasília no dia 6 de outubro, reunindo o presidente com seis lideranças empresariais nacionais. Moreira Ferreira, novo presidente da Fiesp, à saída da reunião, opinou que o pacto poderia tomar claramente o caráter de um grande "acordo nacional" ou se realizar a nível de cada setor da economia, como foi feito no ramo automobilístico. Nesta direção, vêm se orientando as proposições ambíguas e ainda indeterminadas dos ministros da área econômica.

A construção de um cenário de pacto social esbarra, entretanto, na combinação dramática da recessão com a inflação, nos limites impostos pela administração da dívida externa e da dívida interna, na profunda crise fiscal do Estado, problemas que não serão enfrentados caso não se rompa com os padrões fundamentais da gestão Marçílio.

Colhida em um momento em que seu poder de barganha está frontalmente diminuído pela recessão - no primeiro semestre deste ano houve uma redução de 55% no número de greves em relação ao mesmo período de 1991 -, a CUT verá ampliados os canais institucionais de diálogo e negociação. Após dois anos e meio de resistência obstinada à política neoliberal, a central tem diante de si o desafio de equilibrar a mobilização social e a capacidade de negociar no novo e instável cenário formado.



ESPERANÇA E ILUSÃO

Nós, trabalhadores, conhecemos Walter Barelli de longa data, sobretudo por seu desempenho à frente do Dieese. Sempre vimos nele um profissional competente, confiável, comprometido com as justas reivindicações do movimento sindical, despido de facciosismos.

Sua indicação para o Ministério do Trabalho, em meio a sinais contraditórios emitido pelo novo governo, desperta na CUT alguma esperança, mas nenhuma ilusão.

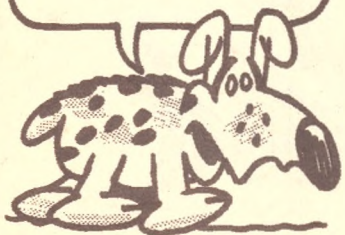
Agora, quem sabe, alcançaremos afinal o contrato coletivo de trabalho. Quem sabe passaremos finalmente a opinar sobre as questões que nos dizem diretamente respeito e

sobre os fundos que saem do nosso bolso. Porém, nossos grandes problemas, como a dívida externa, o desenvolvimento, o salário e o desemprego, a distribuição de renda, dependem de uma política de conjunto. Só terão resposta positiva caso a nova administração rompa com a estratégia neoliberal do recém-afastado governo Collor, de triste memória.

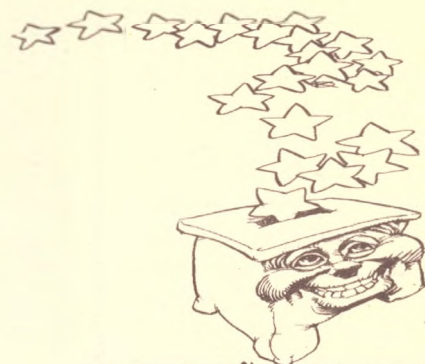
No caso de prevalecer, ao contrário, o continuísmo, temos razões para acreditar que Walter Barelli, desapegado ao poder como é, não avalizaria com seu nome uma orientação nociva ao país e aos trabalhadores.

JAIR MENEGUELLI

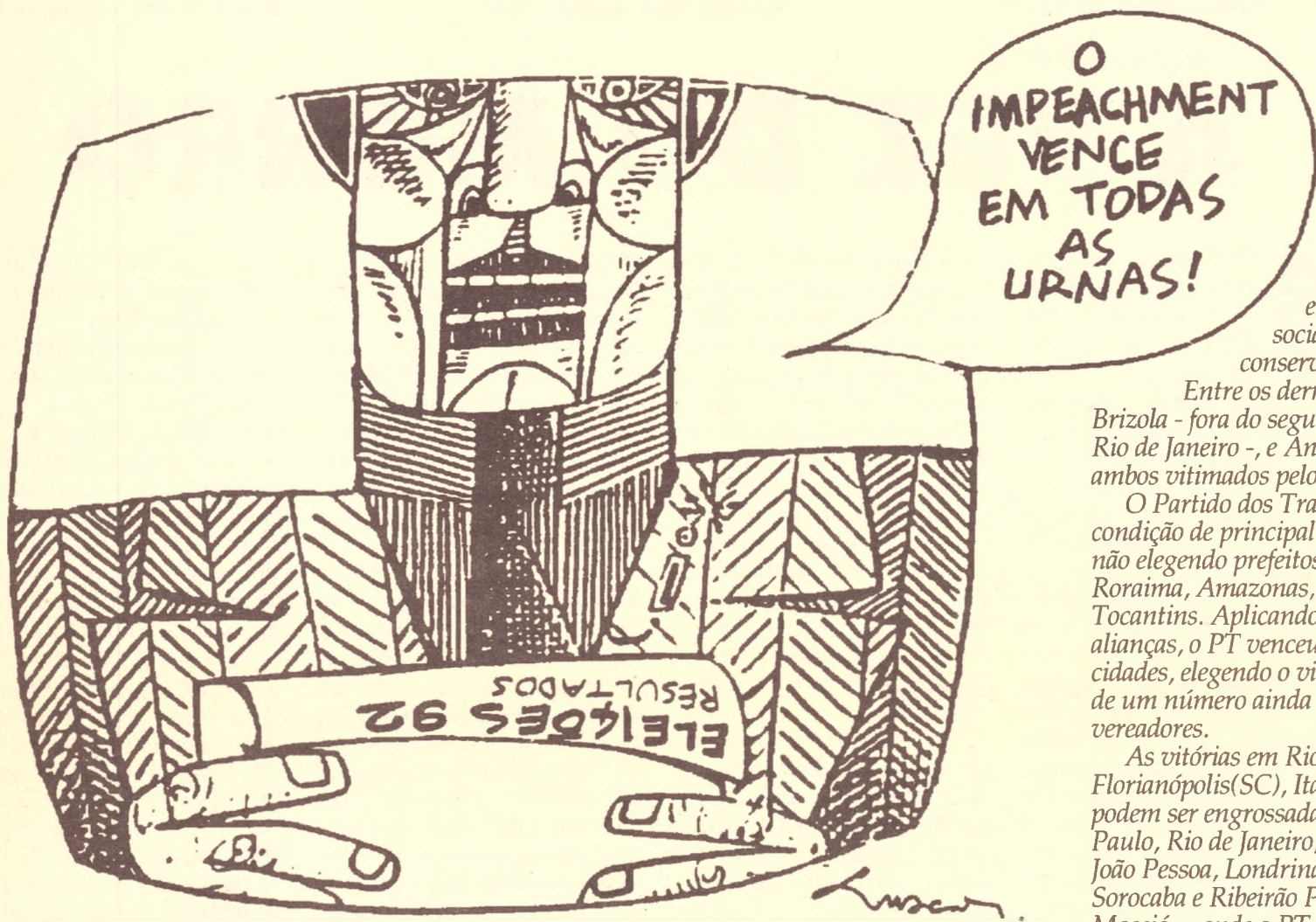
SAIO DESCAMISADO,
ENTRA O HOMEM
SIMPLES. O'CEUS,
O'DIA, O'AZAR!



AS URNAS DO FORA COLLOR



ELEIÇÕES 92



A esquerda sai mais forte das eleições municipais de 1992. Além dos vereadores e prefeitos eleitos em 3 de outubro, as coligações populares disputam o segundo turno em 13 importantes cidades, onde se espera uma grande polarização social e política contra as forças conservadoras.

Entre os derrotados nas urnas, destacam-se Brizola - fora do segundo turno em Porto Alegre e Rio de Janeiro -, e Antonio Carlos Magalhães, ambos vitimados pelo "efeito impeachment".

O Partido dos Trabalhadores confirma sua condição de principal partido da esquerda brasileira, não elegendo prefeitos em apenas quatro estados — Roraima, Amazonas, Mato Grosso do Sul e Tocantins. Aplicando uma ampla política de alianças, o PT venceu o primeiro turno em 45 cidades, elegendo o vice-prefeito em outras 35, além de um número ainda não contabilizado de vereadores.

As vitórias em Rio Branco (AC), Florianópolis (SC), Itabuna (BA) e Diadema (SP) podem ser engrossadas, em 15 de novembro, por São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, João Pessoa, Londrina, São José dos Campos, Santos, Sorocaba e Ribeirão Preto. Além de Salvador e Maceió — onde o PT integra as coligações de esquerda que disputam o segundo turno.

Cabe registrar, contudo, algumas derrotas significativas: das 24 cidades que administra atualmente, o PT elegeu o sucessor em apenas nove, disputando o segundo turno em outras três. Entre as decepções, várias "pequenas grandes administrações" — onde a vitória era tida como garantida —, além de importantes centros, como São Bernardo, Santo André, Piracicaba e Vitória.

Além disso, mesmo nas cidades onde a esquerda já venceu ou pode vir a vencer, as bancadas populares constituem, em regra, minoria nas câmaras municipais, permitindo antever dificuldades para as novas administrações.

Nas próximas páginas, apresentamos uma cobertura parcial dos resultados eleitorais, baseada em informações colhidas junto à direção nacional do PT ou diretamente nos estados:

- ★ a derrota do brizolismo no Rio e Porto Alegre (página 8);
- ★ o combate ao malufismo e a difícil relação com o PMDB (página 9);
- ★ as vitórias em Florianópolis e Rio Branco (página 10);
- ★ o segundo turno em Belo Horizonte, Goiânia e Salvador (página 11);
- ★ as derrotas em Vitória e no ABC (páginas 12 e 13).

Nas próximas edições, mais informações sobre os resultados eleitorais.

O PT ELEGE OS PREFEITOS EM 45 CIDADES

Norte
Acre: Rio Branco
Amapá: Água Branca do Amapari
Mazagão
Pará: Gurupá
Oeiras
Rondônia: Nova Brasilândia
Jarú
Ouro Preto do Oeste

Centro Oeste
Mato Grosso: Santa Terezinha

Nordeste
Alagoas: Água Branca
Bahia: Itabuna
Jaguaiquara
Pernambuco: Escada
Mirandiba

Ceará: Quixadá
Icapuí
Rio Grande do Norte: Janduí

Sudeste
São Paulo: Cosmópolis
Diadema
São Vicente
Agudos
São Joaquim da Barra
Avanhandava
Monte Alto
Franco da Rocha

Rio de Janeiro: Angra dos Reis
Minas Gerais: Betim
Illicinea
Lagoa da Prata
Ipatinga

Pavão
Alvarenga
Mutum
Rezende Costa
Buenópolis
Itinga
Três Marias
Cambuí
Espírito Santo: Ecoporanga

Sul
Rio Grande do Sul: Aratiba
Ronda Alta
David Canabarro
Novo Barreiro
Sto Expedito do Sul
Boa Vista do Buricá

O PT FAZ O VICE EM 35 CIDADES

Norte
Pará: Santarém

Nordeste
Bahia: Glória
Jussari

Centro Oeste
Goiás: Guapó
Mato Grosso: Vila Rica

Sudeste
Rio de Janeiro: Volta Redonda
Nilópolis
Porciúncula
São Paulo: Barretos
Espírito Santo: Água Branca
São Domingos do Norte
Minas Gerais: Comercinho
Cruzília
São Gonçalo do Rio Preto
Francisco Badaró

Sul
Paraná: Lindoeste
Palmeira
Santa Catarina: Florianópolis

Guaraciaba
Pinhalzinho
Sombrio
Iraceminha
Saudades
Ipumirim
São Domingos
Sul Brasil
Calmon
Ipaçu
Matos Costa
Riqueza
Rio Grande do Sul: Gramado Xavier
Tucunduva
Alecim
Vale do Sol
S. Paulo das Missões
Cacique Doble

DISPUTAMOS O 2º TURNO EM 13 CIDADES

Sudeste
Alagoas: Maceió*
Paraíba: João Pessoa
Bahia: Salvador**

Centro Oeste
Goiás: Goiânia

Sudeste
Paraná: Londrina
São Paulo: São Paulo
Santos
Sorocaba
São José dos Campos
Ribeirão Preto

Rio de Janeiro: Rio de Janeiro
Minas Gerais: Belo Horizonte
Sul
Rio Grande do Sul: Porto Alegre
* vice e do PT
** participamos da coligação

Informações atualizadas até 07/10/92, não incluído os estados do Maranhão, Piauí e Sergipe

A VOLTA POR CIMA

Nos municípios fluminenses de Angra dos Reis e Volta Redonda, as coligações populares venceram as eleições.

Angra dos Reis já é administrada pelo PT. Neirobis Nagae é o prefeito. Luiz Sérgio da Nóbrega, metalúrgico, atual vice, foi eleito pela coligação Aliança Popular, que reúne também o PSB. Luiz Sérgio obteve 19.019 votos (41,2%) contra 15.293 (33,1%) de Fernando Jordão, do PDT. Em terceiro ficou o PFL, com 7,1% dos votos. De um colégio eleitoral de 55 mil, compareceram 46.150 eleitores.

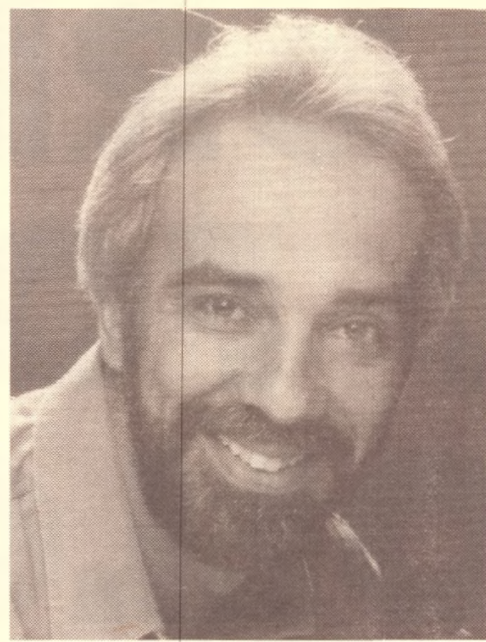
As abstenções (15,9%), os votos em branco (15%) e os nulos (3,4%) influenciaram na composição da câmara municipal. O PT conseguiu 8.380 votos, elegendo quatro vereadores. O PSB obteve 4.683 votos, elegendo dois vereadores. São 17 cadeiras na câmara de Angra dos Reis. A reeleição da administração petista é atribuída à ação permanente junto aos movimentos sociais durante os quatro anos, consolidada por uma campanha massiva nas ruas, derrotando as campanhas milionárias dos concorrentes do PDT e PFL.

Em Volta Redonda, cidade da Companhia Siderúrgica Nacional, a coligação que reúne PT, PSB, PV, PC, PCdoB elegeu Paulo César Baltazar (PSB), tendo como vice Glória Amorim (PT). De um colégio eleitoral de 159 mil eleitores, a coligação obteve 45 mil votos, contra 35 mil do PSDB. Até o fechamento desta edição, a contagem dos votos ainda não havia sido concluída e previa-se que a coligação chegaria a cinco vereadores numa câmara de 21 cadeiras.

O candidato do PST, apoiado pela diretoria da CSN, ficou em terceiro lugar e o PDT ficou em quarto. A campanha da coligação foi caracterizada por um combate firme ao comportamento repressivo da direção da CSN durante as eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos, vencida pela Força Sindical. O fato da população ter eleito um candidato claramente contra a direção da CSN e, por outro lado, ter repudiado nas urnas o PST, demonstra o quanto foi decisivo o apoio repressivo da CSN para a derrota da CUT nas eleições sindicais.



Bené: correndo na frente



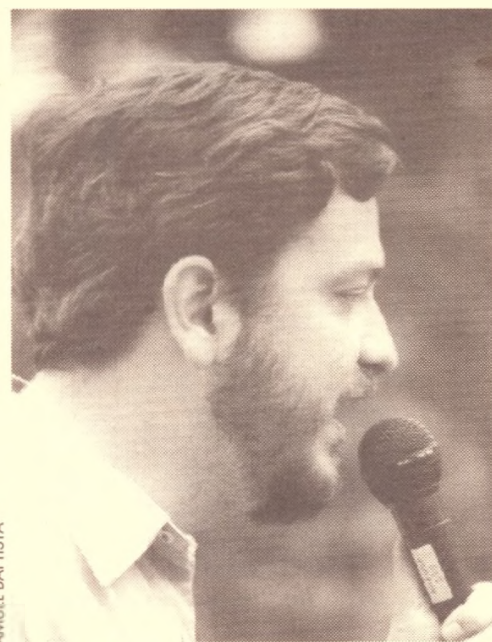
Baltazar: derrotando a CSN



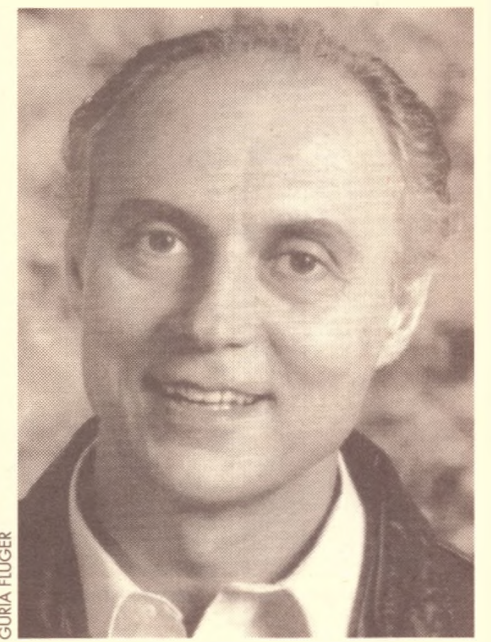
David: PT quer continuar



Ângela: colheita eleitoral



Palocci: contrariando as pesquisas



Suplicy: derrotar Maluf

RIO DE JANEIRO

A VEZ DO MORRO

O PT do Rio, que lidera a coligação Frente da Feliz Cidade (PT, PSB, PPS e PC) está curtindo uma alegre ressaca, depois do porre de votos que tomou no primeiro turno da eleição municipal. O que mais deixa eufóricas a militância e a direção é a origem da votação. Ao contrário de eleições anteriores, quando o PT só era bem votado nos bairros de classe média e alta, Zona Sul e Tijuca, desta vez a candidata majoritária penetrou em áreas como as favelas e a Zona Oeste, consideradas até então redutos inexpugnáveis do brizolismo. Benedita venceu em todas as zonas da cidade, à exceção da Zona Sul, onde o vitorioso foi o candidato do PMDB, o economista e ex-pedetista César Maia.

No início da campanha, Cidinha Campos era tida como vencedora no primeiro turno das eleições. Embalada pela popularidade que conquistou ao denunciar o suborno recebido pelo ministro Antônio Rogério Magri, a candidata ostentava índices que a colocavam num patamar muito confortável. Aliás, foi exibindo estes índices que Brizola impôs sua candidatura ao partido, impedindo que o prefeito Marcello Alencar, seu inimigo íntimo, indicasse como candidato o secretário municipal de Obras, Luís Paulo Corrêa da Rocha.

FAVELA NA TELA. Benedita da Silva começou a campanha como quem não emplacaria. Patinou durante algum tempo no quarto lugar, entre 6 e 7% das intenções de voto. Aos poucos, especialmente após a entrada no ar da propaganda eleitoral gratuita, começou a engrenar. Brizola custou a abandonar a defesa apaixonada que fazia de Collor de Mello e, mesmo assim, de-

monstrou até o final uma enorme dificuldade para pronunciar a palavra *impeachment*. E certamente não era por incompatibilidade com o idioma de Shakespeare. Um vídeo em que o governador do Rio de Janeiro diz enfaticamente: "por mim, a CPI não saía", foi repetido até a exaustão nos programas de Benedita e do candidato do PST, Tércio Lins e Silva. Leonel Brizola, mais uma vez às vésperas de uma eleição, tentou nadar contra a corrente da opinião pública.

Benedita da Silva apareceu na hora certa para preencher o vácuo da coerência. Ela e todas as correntes alinhadas na coligação se posicionaram desde o primeiro instante e sem intenções eleitorais, pelo afastamento de Collor. Além do mais, o programa de TV da candidata mostrou, com muita competência e criatividade, uma mulher que enfrentou todas as dificulda-

des e tornou-se uma vencedora (chegou a vereadora e duas vezes a deputada federal), coerente (continua morando numa favela: o Morro do Chapéu Mangueira) e decidida (respondeu no ato, com emoção e com firmeza, às agressões de cunho racista, uma delas do próprio governador do Estado).

BUSCA DE ALIADOS. Entre as pessoas de origem mais humilde, começou a brotar uma identificação com a candidata que se espalhou como um rastilho de pólvora. Desesperados, os adversários, especificamente as campanhas de Cidinha e de César Maia, começaram a atacá-la. Não havendo resultados, investiram contra Lula, contra Erundina, contra o PT. Nada.

César Maia investiu no surrado discurso da competência. Não conseguiu abalar a tendência ascendente da candidatura de Benedita, mas

acabou ganhando o voto da classe média e suplantando Cidinha Campos.

A fase agora é da busca de aliados. César Maia saiu na frente e conquistou o apoio de Francisco Dornelles, do PFL, e de Sérgio Cabral Filho, do PSDB, ambos com votação inexpressiva. A decisão pode estar com os eleitores de Cidinha Campos. O governador Brizola já anunciou não ter restrições a Benedita, que nunca foi uma "petista raivosa", segundo sua expressão. Entre os brizolistas, César Maia é considerado um traidor, acabando por se desligar do PDT e ingressar no PMDB, a convite de seu presidente, Orestes Quêrcia.

A posição de Benedita é confortável. A não ser que a campanha cometa erros muito graves, pode-se prever que agora o morro terá vez e toda a cidade vai cantar.

ÊNIO DE BUCOMAR,
do Rio de Janeiro

ESTERTORES DO POPULISMO



Tarso Genro

PMDB. Este é um dos nós que o PDT enfrenta na teia política gaúcha. O PDT aumentou o número de prefeitos no interior do estado, de 52 para 107 (foram criados 130 novos municípios em quatro anos), mas perdeu cidades importantes, principalmente na Grande Porto Alegre, para o PMDB e o PTB. Em Porto Alegre, reduziu sua bancada de 14 para 9 vereadores (em 1988, elegeu 11, depois atraiu 3 de outros partidos), enquanto o PT aumentou de 8

para 10 (em 1988 elegeu 9). "Nós quebramos a espinha dorsal do populismo com nossa administração, mantendo uma relação respeitosa com a população, participando dos destinos de sua cidade, acabando com o clientelismo", diz Tarso Genro, vice-prefeito e candidato da Frente Popular liderada pelo PT (mais PSB, PV, PPS, PC). Essa conduta acaba por aumentar a "consciência popular" e abalar as bases pedetistas. Atestaria uma razão para o declínio do populismo e do PDT.

Outro nó dessa teia é o PTB, uma dissidência ascendente do PDT, que tem recebido também muitos peemedebistas fisiológicos. O próprio candidato do PTB, Valdir Fraga, é um ex-pedetista histórico, que rumou para o PTB em 1992, levando importantes lideranças populares.

Apoiar o PMDB é, assim, a maneira que o PDT vê para sair da teia. O PMDB, que concorreu coligado com o PCdoB, fez uma campanha com muitas promessas e está chamando uma "frente partidária contra o PT", mas corre o risco de se enredar: um dos quatro vereadores que elegeu é do PCdoB, outro é o goleiro Mazzaropi, ex-Vasco e ex-Grêmio, sem vida partidária. Para piorar, recebe o apoio do governador Collares, cuja atuação - na área de educação, por exemplo - motivou vaia dos estudantes até em atos contra Collor.

MARCO ANTÔNIO SCHUSTER,
de Porto Alegre

SÃO PAULO

DESAFIO PAULISTANO

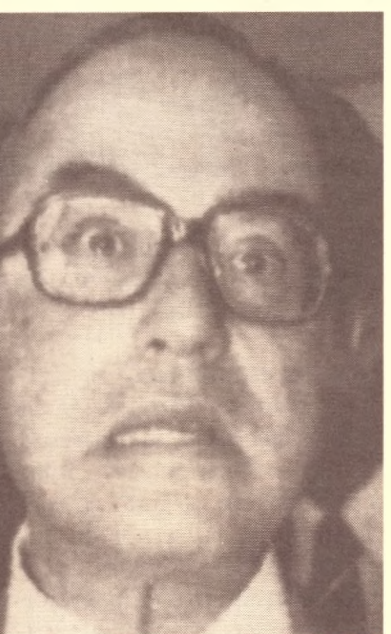
Os militantes de esquerda de S. Paulo não desgrudaram o olho da TV, nem puderam escapar a tensão no último dia 4. A possibilidade do candidato Eduardo Suplicy (PT-PCdoB-PSB) passar ao segundo turno era muito nebulosa no início da manhã, foi se desenhando aos pouquinhos a partir do meio-dia, mas só estava consolidada no final da noite. Com 1,279 milhões de votos, Suplicy alcançou ao final 30,68% do eleitorado que optou por um dos candidatos. Maluf, cuja base política em S. Paulo é tradicionalmente ampla, ficou em primeiro, com 48,84% da votação. Por apenas 48 mil sufrágios, a cidade escapou do vexame de eleger um candidato da direita no primeiro turno - precisamente no momento em que o povo nas ruas depôs o presidente da República que encarnava o projeto neoliberal.

O alívio que veio quando o risco maior foi finalmente afastado não ofusca, contudo, a constatação: o resultado de S. Paulo é, por enquanto, apenas uma meia vitória. Ele mostra que, ao contrário do que previam quase todos os analistas conservadores, administrar a cidade mais problemática do país não levou a esquerda à desmoralização. Em contrapartida, indica que as forças populares perderam influência. Em 88, quando Erundina chegou à prefeitura, elas alcançaram 29% dos votos totais; agora, a fatia reduziu-se aos 24%.

CAMPANHA DESPOLITIZADA. Há várias explicações para o fenômeno. Entre os militantes dos partidos progressistas aponta-se com destaque a despolitização da propaganda de Suplicy no horário eleitoral gratuito. Procurando associar ao candidato a imagem de um super-homem, ela esquiu-se quase sempre de debater a conjuntura nacional

e pontos concretos de um programa para a cidade. Chegou a ponto de dar menos destaque à campanha pelo *impeachment* de Collor que o próprio PMDB.

Além disso, a campanha de TV caracterizou-se por minimizar o papel da militância e da mobilização popular. O último comício da campanha, realizado no Vale do Anhangabaú, foi comprovadamente o maior ato de massas das eleições de 92. A propaganda, no entanto, praticamente o des-



Arriscando a sétima vida

colorei um letreiro que corria na tela no último dia do programa gratuito. A própria

A LONGA MARCHA DO PMDB

O jornal *Hora do Povo*, editado pelo MR-8, estava eufórico no último dia 6. "O camarada Mao tinha razão em muitas coisas: PMDB aberta o cerco da cidade pelo campo; a Longa Marcha começou em Pedregulho" (terra natal de Orestes Quêrcia), destacou em sua manchete.

Não se sabe quantas vezes o cadáver de Mao revirou no túmulo, mas o título do *Hora do Povo* oferece ao menos uma boa dica para iniciar uma avaliação do desempenho do PMDB - do qual o MR-8 é um tradicional aliado - nas últimas eleições.

Embora tenha apostado muito alto no pleito, o partido sofreu derrota de graves consequências em S. Paulo, onde o candidato Aluísio Nunes não ultrapassou os 13% dos votos totais - um percentual que só não é menor, nas disputas dos últimos dez anos, que o alcançado pelo doutor Ulysses Guimarães no pleito presidencial de 89.

Sucessor do MDB, o PMDB obteve um resultado medíocre no conjunto das capitais. Venceu com larga margem apenas no Recife. Ganhou o primeiro turno em Fortaleza, mas é incerto que liquide a fatura na primeira rodada. Saiu-se vitorioso em Campo Grande e Natal, mas igualmente não escapou de uma segunda disputa.

Sua grande força parece brotar das cidades do interior - em especial as menores. Em S. Paulo, por exemplo, apurados os votos em 363 municípios que não têm segundo turno, por não contarem com 200 mil eleitores, candidatos peemedebistas haviam alcançado a vitória em nada menos que 151.

Fora isso, o partido destacou-se apenas, e ainda assim como força secundária, nas capitais em que, por perder a maior parte de seu eleitorado para o PT e descaracterizar-se como opção eleitoral de peso, o PDT abriu espaço para o surgimento de uma alternativa de centro. Os casos típicos são o Rio, onde o peemedebista César Maia teve 24,1% dos votos válidos, contra 32,5% de Benedita da Silva, e Porto Alegre, onde César Schirmer alcançou 18%, contra 38% de Tarso Genro.

prefeita Luíza Erundina, e seu governo, foram pouco destacados, o que aparecia como uma atitude defensiva e envergonhada. Em determinada altura chegou a ser suprimida uma tomada em que ela apelava pelo voto nordestino em Suplicy

FALAR AOS POBRES. Há agora forte expectativa de que a campanha do segundo turno reverta esta sucessão de problemas. Rui Falcão, presidente do Diretório Municipal do PT de S. Paulo, garante que entre as mudanças está um forte apelo aos eleitores que votaram em branco ou anularam seus votos, e que integram em sua grande maioria o setor mais empobrecido da população. Nas eleições de 88, esta parcela inclinou-se fortemente por Erundina, o que não voltou a ocorrer com os candidatos progressistas que concorreram depois dela.

Falcão pretende agora que o programa de TV convoque os marginalizados a votar. Segundo ele, isso pode ser feito apresentando os partidos progressistas como partidários da transformação social, e ao mesmo tempo, destacando as obras e programas de caráter social desenvolvidos pela prefeitura.

O presidente municipal do PT antecipa que outra mudança está na apresentação, desde já, de uma proposta de "governo de solidariedade", estendida a todas as forças que concordem com um programa que tem por base três pontos: honestidade, transparência e destinação prioritária do Orçamento aos programas e obras sociais. Uma das críticas feitas com mais frequência ao governo de Erundina prende-se ao fato de ter organizado, nos dois primeiros anos de sua gestão, um secretariado que excluía até mesmo os aliados da campanha eleitoral.

ANTÔNIO MARTINS

ELEIÇÕES 92

SÃO PAULO

OS QUATRO DESAFIOS

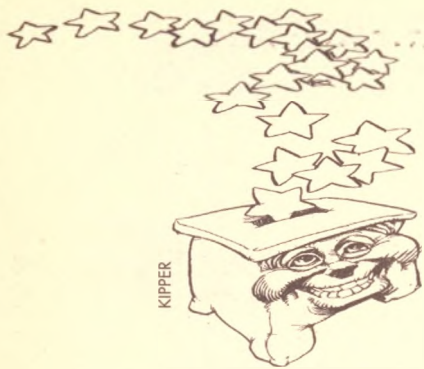
Santos, São José dos Campos, Ribeirão Preto e Sorocaba são municípios com mais de 200 mil eleitores e estão entre os dez maiores em importância econômica no estado de São Paulo. O PT está no segundo turno nestas quatro cidades.

Em Santos, o PT recebeu 97.700 (36%) dos votos válidos contra 65.507 (24%) dados ao PDS, num colégio eleitoral de 306.067. Foram 35 mil cotos em branco e 14 mil nulos. David Capistrano (PT) e Carlos Lambertini (PMN) formam a chapa majoritária da coligação que reúne PT, PPS, PCdoB, PSB, PMN e PC. Capistrano chegou a ter mais de 40% das intenções de voto. Porém, diante de uma possível vitória do PT ainda no primeiro turno, o eleitorado do PMDB, do PDT e os indecisos descarregaram seus votos no candidato do PDS, Vicente Coscione, provocando o segundo turno.

Em São José dos Campos, a candidata da Frente Brasil Popular (PT, PSB, PCdoB e PMN), Ângela Guadagnin, passa para o segundo turno das eleições com mais de 60 mil votos (31,3%) contra 45 mil (19,3%) de José Coimbra, do PTB. A Frente Brasil Popular deve fazer entre quatro e cinco vereadores, sendo 2 do PT, 1 do PSB, 1 do PCdoB e outro a ser definido. Para o segundo turno, a previsão é a de que serão necessários cerca de 100 mil votos para que Ângela tenha uma eleição segura, tendo como base a votação recebida por Lula em 1989. Em termos de aliança, a Frente dará prioridade para o PSDB, terceiro colocado nas eleições. Outros apoios poderão vir de setores do PMDB, PDC e PL.

Em Ribeirão Preto, município com cerca de 500 mil habitantes e 250 mil eleitores, apesar das pesquisas prognosticarem o contrário, o médico Antônio Palocci Filho (PT), da Frente Popular e Democrática (PT, PSDB, PSB, PPS, PV), obteve 49 mil dos 200 mil votos válidos, logo atrás do primeiro colocado, Antônio Duarte Nogueira Jr. (PRN), com 57.055. Roberto Jábali (PDC) obteve 46 mil votos e ficou em terceiro.

Em Sorocaba, o torneio mecânico e vice-presidente do sindicato dos metalúrgicos, Hamilton Pereira (PT), da coligação União dos Partidos Populares (PT, PPS, PCdoB, PSB) obteve 45 mil votos (21%) contra 69 mil (33%) de Paulo Mendes (PMDB).



ELEIÇÕES 92

PARANÁ

O PT PREOCUPA

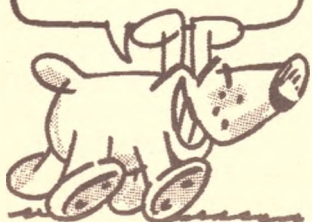
O vereador mais votado nas eleições de 1988 no município de Londrina, o médico Luiz Cheida (PT), recebeu 58.408 votos (24,6%), contra 68.337 (28,8%) do candidato Wilson Moreira (PSDB), primeiro colocado. Com este resultado, a frente que reúne o PT, PDT, PPS, PCdoB e PSB, disputará o segundo turno nas eleições do município. As abstenções, votos em branco e votos nulos chegam a 28%. Londrina tem 220 mil eleitores e 350 mil habitantes. O candidato a vice de Cheida é do PDT.

A coligação dos partidos populares enfrentou os prognósticos viciados das pesquisas realizadas na cidade e os ataques pessoais contra Luiz Cheida. Além disso, o candidato do PSDB tem o apoio da imprensa local, dos empreiteiros, dos Andrade Vieira (Grupo Bamerindus), dos ex-governadores Álvaro Dias e José Richa e do atual, Roberto Requião. Tanta preocupação com o crescimento do PT na cidade de Londrina deve-se ao fato dela ser a segunda em importância econômica, logo depois da capital, Curitiba.

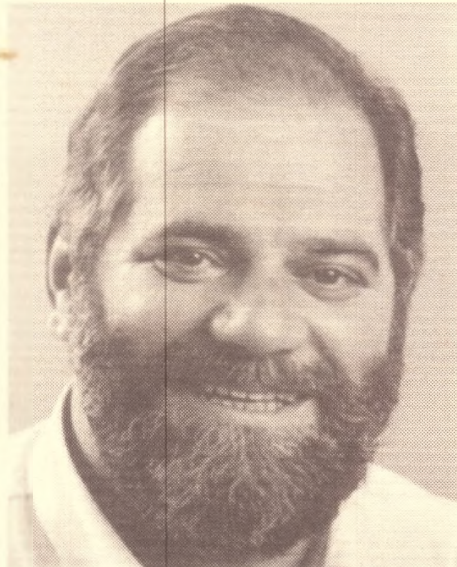
SANTA CATARINA. O PT não fez nenhum prefeito, mas elegeu em coligações 13 vezes: os de Florianópolis, Guaraciaba, Ipumirim, Pinhalzinho, São Domingos, Sombrio, Sul Brasil, Calmon, Riqueza, Matos Costa, Saudades, Iraceminha e Ipuacu. Outras coligações vencedoras, de que o PT participou sem candidato a prefeito ou vice: Lages, São Carlos, Abelardo Luz, Correia Pinto, Forquilha, Guatambu, Ouro, Seara, Vargem Bonita, Porto União, Praia Grande, Romelândia e Macieira.

Em Blumenau, cidade operária do Vale do Itajaí, o candidato a prefeito Volir Nazário teve 16% dos votos. Não ganhou, mas pela primeira vez o PT fez uma bancada: 2 vereadores. Ainda sem confirmação oficial, calcula-se que o PT dobrou sua bancada de vereadores no estado. O partido contava com 38 vereadores dos 44 eleitos em 1988.

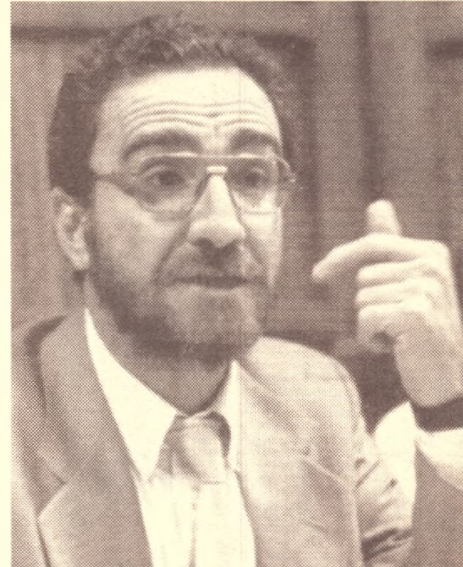
TONINHO MALVADEZA,
QUEM DIRIA,
APANHOU DE MULHER!
DÁ-LHE LÍDICE!



Jorge Viana: "acreanismo"



Sergio Grando: "turma do contra"



Patrus: em nome da vida

ACRE

VITÓRIA EM RIO BRANCO

Esta vez os "meninos do PT" não pegaram a balsa para Manacapuru. A balsa, que simbolicamente representa a viagem dos candidatos derrotados nas eleições de Rio Branco ao pequeno município do Amazonas, leva pela primeira vez juntos o PDS e o PMDB, partidos que sempre dominaram a política acreana. "Conseguimos quebrar o bipartidarismo", comemora Jorge Viana, o "menino do PT" que virou prefeito de Rio Branco. "Somos a terceira força política do estado." E os caciques locais reconhecem: os meninos já não são mais meninos.

Num estado com tradição política de compra de votos, currais eleitorais, violência entre adversários e onde cada grande político - ou pretensão grande político - mantém uma fundação para distribuição de sacolões até casas, a vitória da Frente Popular do Acre (PT, PDT, PSDB, PV, PCdoB e PPS) não significa somente a consolidação de uma nova força política. Atrás da vitória petista está uma nova forma de se fazer política numa realidade marcada pela carência absoluta, onde a prática e o discurso do "toma lá, dá cá" vai dando espaços aos poucos a um grupo de valores liderados pela idéia de dignidade.

"Tinha um grito engasgado na garganta, um grito que vinha de muitas lutas, que vinha das eleições para a presidência e para o governo do estado. Um grito que chegou o dia da gente dar." (Jorge Viana)

Inchada ao ritmo das ocupações de terra realizadas por trabalhadores rurais e ex-seringueiros em fuga da crise de preço da borracha e da expansão agropecuária, Rio Branco vive a falta de empregos, saneamento, calçadas. Casos de malária na periferia não surpreendem. Vagando em um estado sem economia própria, a cidade tem no funcionalismo a principal fonte de emprego da população. Romarias a Brasília em busca de verbas são rituais quinzenais e até semanais de

Os "meninos do PT" vencem numa cidade tradicionalmente dominada por dois partidos

autoridades do estado e do município. O Acre não arrecada 15% do que gasta.

FLORESTA HORIZONTE. O governador Romildo Magalhães, do PDS, já declarou na imprensa local que não pretende facilitar o caminho do prefeito petista. Segundo seu assessor de imprensa, Luís Carlos Moreira, o relacionamento com a prefeitura deve ser "apenas constitucional". Jorge aposta no governo federal e em agências internacionais de financiamento como possíveis caminhos para viabilizar os projetos de modernização de Rio Branco.

No começo do mandato, a nova administração municipal vai propor um plano emer-

gencial que terá por base a geração de empregos a partir do calçamento das ruas da cidade. A iniciativa dará impulso à indústria de cerâmica acreana, que vive à beira da falência. A médio e longo prazo, a perspectiva aponta para a floresta, o grande horizonte da vida amazônica.

"Precisamos urgentemente ter uma economia própria. A floresta é a grande saída, a nossa maior riqueza, que até hoje foi tratada de forma burra." (J.V.)

Cercada por seringais que foram explorados pelos grandes barões da seringa, que preferiram construir o símbolo de seu império em cidades como Belém e Manaus, Rio Branco cresceu protegida pelo pro-

vincialismo. Na década de 70, a ingenuidade provinciana passa a ser perdida a partir do crescimento desordenado da cidade, causado pela chegada dos "paulistas", empresários do sul do país que compram falidos seringais e transformam em pastos com poucas cabeças de gado. Sem a floresta, os seringueiros vagam pela cidade.

REDESCOBRIMENTO. Mas Rio Branco resiste. O tacacá - caldo tradicional da comida amazônica - é tomado ritualmente nos fins de tarde nas praças da cidade, por homens e mulheres de todas as idades e classes. As mulheres acreanas mantêm os traços da união morena do cearense e o indígena, e o acreanismo está mais forte do que nunca. Mistura de um sentimento de autovalorização regional e de resposta à rejeição sentida diante do resto do país, o acreanismo não tem cores ou ideologias, perpassa partidos dos mais progressistas aos mais conservadores. "O Brasil não assumiu o Acre, a gente é acreano e não brasileiro", disse um aposentado no meio da praça Plácido de Castro, um dos heróis da conquista acreana.

"Eu me lembro das mangueiras, das ruas, dos jardins, de uma Rio Branco que se foi mas que a gente quer descobrir, precisa descobrir." (J.V.)

Num dos momentos mais emocionantes da campanha à prefeitura, Jorge Viana, como o desbravador Newtel Maia fez em 1872, chega de canoa pelo rio Acre e aporta na lendária Gameleira, a árvore símbolo de uma Rio Branco além dos tempos.

O ritual reafirma um dos princípios da campanha petista: a redescoberta da relação da memória com o espaço público, da cidade como espaço de todos, do sentido de comunidade e da construção da cidadania. Não dá para negar, Rio Branco é uma cidade acreana, mas muito brasileira, metáfora de uma aventura nacional.

SANTA CATARINA

UMA BOA SALADA PARA FLORIPA

A Frente Popular passou por cima dos rótulos "salada de partidos" e "turma do contra", que o PMDB e a União por Florianópolis (PDS, PFL, PRN, PDC, PSC) tentaram lhe impor. A vitória do candidato Sérgio Grando (PPS) - com o vice do PT, Afrânio Boppré - foi com mais de 10 mil votos sobre o segundo colocado. O resultado apresentou Grando com 46.446 votos (33,07%), Edison Andrião, do PMDB, com 36.309 (25,85%), e Francisco de Assis Filho, do PDS, com 33.102 (23,57%).

O voto majoritário na Frente Popular indica que a maioria da população está disposta a provar a "salada" formada pelo PPS, PT, PSDB, PDT, PCdoB, PV, PSB, PC e MSR. Também, mostra que a maioria dos eleitores votou, de fato, na "turma do contra": "contra a corrupção, contra Collor, contra o arrocho", ironizou Afrânio, 32 anos, economista, técnico do Dieese nos últimos oito anos. O vice petista é filiado desde 1982 e, nas eleições de 1990, foi candidato a deputado federal. Afrânio vai coordenar o grupo da Frente responsável pela transição do atual governo - do prefeito Bulcão Viana (PFL) - para a nova administração. A comissão tem como objetivo apresentar um diagnóstico da situação da prefeitura ao Conselho Político.

Professor de matemática e física, ex-secretário e presidente da Associação dos Licenciados de Santa Catarina, vereador mais votado em 1982, Grando, 42 anos, já surpreendera nas eleições de 1988. Ele ficou em segundo, vencendo o PMDB. Perdeu para Esperidião Amin (PDS). Em 1990, foi eleito deputado estadual. Dirigente do ex-PCB - foi presidente estadual -, Grando participou da mudança partidária que originou o PPS.

CLÁUDIO SCHUSTER,
de Florianópolis

DENISE CARREIRA,
de Rio Branco



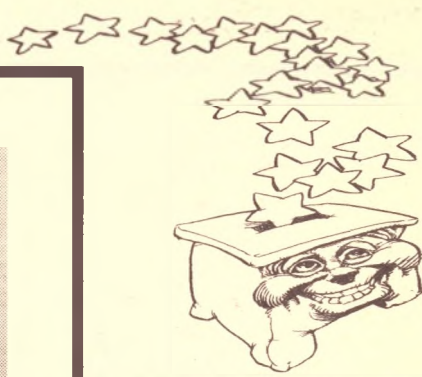
Darci: o retorno



Lidice: apesar da Globo



Geraldo: a zebra



ELEIÇÕES 92

ITABUNA

A VITÓRIA DA ZEBRA

Na noite de 3 de outubro, a cidade de Itabuna, a 429 quilômetros de Salvador e uma das cinco maiores do estado, viveu um grande carnaval. O motivo? O petista Geraldo Simões, numa virada espetacular, foi eleito prefeito da cidade, com 24 mil votos, derrotando os dois maiores grupos políticos do estado: José Oduque, candidato de ACM e Ubaldo Dantas, deputado federal (PSDB), ex-prefeito e figura de peso entre os tucanos baianos.

A perspectiva de vitória de Geraldo Simões só se delineou nos últimos dias da campanha, sustentada na militância e na empolgação popular. O candidato sequer realizou comício, por falta de palanques e equipamentos de som. Os programas de TV e rádio para o horário gratuito de propaganda eleitoral foram sustentados graças à abnegação de uma equipe de voluntários.

Na campanha faltou dinheiro, mas não faltaram imaginação e determinação. Os militantes do PT colocaram em cena um novo e curioso personagem: uma zebra que anunciava a vitória de Geraldo nos programas de propaganda eleitoral. Nas ruas, a zebra era encarnada por um jegue, vestido de roupa listrada. No dia da eleição, por ordem da justiça, o jegue foi preso. O slogan "Itabuna merece ser feliz" tomou conta das ruas. "É preciso quebrar a corrente dos prefeitos que estão se revezando no poder há mais de 20 anos e transformando Itabuna na terra do já foi", conclamava Geraldo.

PERFIL. Filho do distrito de Ferradas - o mesmo onde nasceu o escritor Jorge Amado -, ainda menino Geraldo ganhou dos moradores locais o apelido de "Ferrinho", numa alusão à sua persistência.

Na universidade, como líder estudantil, participou do movimento pela reconstrução da UNE. Mais tarde, a sua vocação política se manifestou no movimento sindical dos trabalhadores da Ceplac - Comissão Executiva de Proteção à Lavoura Cacaueira -, órgão responsável pela pesquisa e fomento da lavoura do cacau do estado.

"Na prefeitura, seremos como um pai que tem de sustentar uma grande família apenas com o salário que ganha. Nada de gastos, senão com as necessidades urgentes da população", disse Geraldo, dando o tom da sua administração.

NELSON RIOS

SALVADOR/BELO HORIZONTE/GOIÂNIA

A DIREITA EM QUEDA

Antonio Carlos Magalhães, o ACM ou Toninho Malvadeza, perder em Salvador, ainda mais para a esquerda? Um sonho! Em Belo Horizonte, o candidato das forças conservadoras e de direita esperava talvez um confronto com candidatos de "centro", já que até pouco antes das eleições o candidato da coligação de esquerda parecia distante nas pesquisas.

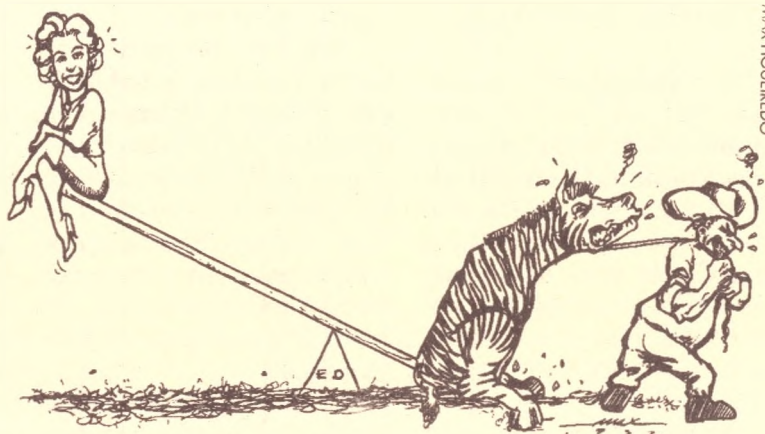
Em Goiânia, fora o poder de Iris Rezende, o governador, há a memória da fraude. Quem não se lembra da eleição de 1985, em que o candidato de Iris chegou à prefeitura no rastro de uma apuração no mínimo suspeita?

Pois nesses lugares a derrota da direita já é uma perspectiva bem próxima. Os candidatos de esquerda, no rastro de coligações bem estruturadas, de propostas melhores e de uma onda pós-processo de impeachment, chegam ao segundo turno com a vantagem de serem os mais votados no primeiro.

SALVADOR. Lidice da Mata (PSDB), candidata da "Frente Popular", formada pelo PSDB/PV/PDT/PPS/PSB/PCdoB/PMN e PT, e o deputado federal Manoel Castro (PFL), candidato do governador Antônio Carlos Magalhães, vão disputar o segundo turno na capital baiana.

Este resultado irritou profundamente ACM, que no início da campanha eleitoral jogava todas as suas fichas numa vitória de Manoel Castro já no primeiro turno. Nos últimos 30 dias, a candidatura de Lidice tomou um grande impulso. Preocupado, o governador chegou a pedir à direção da Rede Globo para não divulgar no Jornal Nacional os números das pesquisas feitas pelo Ibope na capital baiana. O pedido foi atendido. Salvador foi a única capital do país que o Jornal Nacional "esqueceu" de divulgar o resultado das pesquisas do Ibope.

A esquerda vai com vantagem para o segundo turno contra tradicionais donos do poder



Enquanto Lidice crescia, principalmente pelo apoio de ACM a Collor, até este dar o último suspiro, Manoel, apesar de ter sido liberado pelo governador para votar a favor do impeachment, despencava vertiginosamente. O povo não engoliu muito esta jóia da estratégia política e a vaca foi pro brejo. Alguns analistas chegam a arriscar que se houvesse mais uma semana de campanha eleitoral, a candidata da Frente Popular poderia ganhar no primeiro turno. "ACM é o último coronel do Nordeste. Este resultado mostra que a sua influência política resume-se ao interior da Bahia", avaliou um ex-carlista, que pediu para não ser identificado.

Mas não foi só em Salvador que as coisas ficaram azedas para ACM. Das seis maiores cidades da Bahia, ele perdeu em três: Feira de Santana, Barreiras e Itabuna - a grande surpresa das eleições no estado, (ver coluna ao lado) - e fez prefeitos em Jequié, Vitória da Conquista e Ilhéus. Destas, ninguém é carlista de quatro costados.

BELO HORIZONTE. O candidato da Frente BH Popular (PT, PSB, PC, PCdo B e PV), Patrus Ananias (PT), saiu na frente no primeiro turno. Em segundo lugar, chegou o representante

das forças conservadoras e de direita, Maurício Campos (PL, coligado com PRN, PFL e PDS). Patrus teve 31% dos votos e Maurício 20%, no terceiro maior colégio eleitoral do país, com 1 milhão, 277 mil eleitores.

Segundo o coordenador geral da campanha, professor Luiz Dulci, esta vitória reflete a combinação adequada entre a discussão dos problemas nacionais e locais, dosada na campanha de rádio e televisão. Outros fatores, diz Dulci, são "a política de alianças ampla, tanto com partidos como com setores sociais da cidade, e a mobilização de massa.

O leque de alianças tende a se ampliar, sem negociação de cargos: "A nossa discussão sobre alianças passa, exclusivamente, pelo projeto que o PT e a Frente têm para a prefeitura. Todos que apresentarem somas a este projeto serão bem vindos", afirma Patrus.

As eleições confirmam o enraizamento do PT em Belo Horizonte, já pontuado desde as eleições municipais de 1988, quando o petista Virgílio Guimarães teve 32,5% dos votos. Nas eleições presidenciais de 1990, Belo Horizonte votou em Lula para presidente e agora supera as pesquisas novamente. Patrus assegura para o segundo turno uma campanha centrada em projetos para a

cidade, "mas sem deixar de lado a questão nacional". A derrota de Collor e o sentimento anti-corrupção foram fatores importantes, mas Patrus pretende ir além, questionando a política econômica do governo e implantando um projeto social que priorize a vida.

GOIÂNIA. O candidato do PT, Darci Acorsi, à frente da coligação É União, É vitória, com PSDB, PCdoB, PSB e PMN, chegou em primeiro lugar no primeiro turno, com uma vantagem de mais de 40 mil votos sobre o candidato do PMDB, Sandro Mabel (Antônio Scodro Mabel), que foi apoiado pelo governador Iris Rezende e pelo prefeito Nion Albernaz. Ambos começaram a buscar alianças para o segundo turno antes do término da apuração dos votos. Sandes Júnior, o do PFL, terceiro colocado, compartilha da crítica petista à administração atual, voltada só para o centro da cidade, alheia à resolução dos problemas de uma periferia sem infra-estrutura, abandonada pelos governos municipal e estadual. "Não serei omissos porque o povo está querendo mudança", disse Sandes Júnior sobre sua posição para o segundo turno.

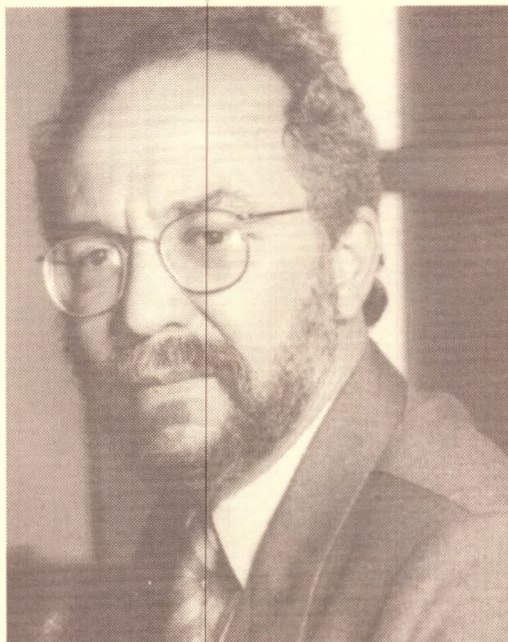
Sua situação agravou-se ainda mais quando um grupo de 32 advogados do movimento pela ética na política revelou, ao final da campanha do primeiro turno, que ele responde processo na Justiça por prática de estelionato.

Darci Acorsi, professor de filosofia da Universidade Federal de Goiás, foi candidato a prefeito em 1985 (Lula, em comício este ano, lembrou que houve fraude para derrotar Acorsi, e está sendo interpelado judicialmente por Iris Rezende), e a governador em 1986, com a maior votação da história da cidade.

NELSON RIOS,
de Salvador
MARÍLIA DE SOUZA,
de Belo Horizonte
AMÉLIA FERREIRA,
de Goiânia



Antonio Storel: enfrentando o PSDB



José Machado: sucessão interrompida



José Cicote: escolha disputada

ADMINISTRAÇÕES PETISTAS

ESTRELA MEIO OFUSCADA

Das 24 administrações petistas, são vitoriosas, além de Diadema e Angra dos Reis (ver páginas 8 e 10), as candidaturas lançadas pelo partido em Cosmópolis (SP), Ipatinga e Illicínea (MG), Ronda Alta (RS), Janduí (RN), Icapuí (CE) e Jaguaquara (BA).

VITÓRIAS. Em Cosmópolis, cuja atividade principal é a agroindústria do açúcar, o eleitorado confirmou o favoritismo de Mauro Pereira e referendou sua candidatura com 8.350 votos, contra 5.641 dados a Joaquim Pedroso, do PTB. Das 15 cadeiras existentes na Câmara Municipal, oito foram conquistadas pelo PT (maioria absoluta), uma pelo PMDB, três pelo PDS, duas pelo PTB e uma pelo PFL.

João Magno de Moura, em Ipatinga, derrotou com 38.546 votos João Lamego (PFL), que recebeu 36.816. A Frente Ipatinga Popular (PT, PSB, PCdoB) enfrentou uma coligação composta por PFL, PRN e PMDB.

A administração petista também continua em Illicínea. Sílvio Ribeiro de Lima, vereador, candidato pela coligação que reúne PT, PDT e PMN, recebeu 3.035 votos de um colégio eleitoral de 6.600 pessoas. Waley Silva Guedes (PSDB) teve 2.728.

Em Ronda Alta, o eleito para continuar a administra-

ção petista foi Abrelino Luiz Mattei, atual vice-prefeito.

Sebastião Gurgel, o Bastinho, continuará em Janduí a administração petista iniciada em 82. O PT venceu as eleições coligado com o PCdoB. Irene Lopes, também do PT, é a vice.

A coligação PT-PSB venceu as eleições em Jaguaquara (BA), depois de uma campanha violenta por parte da direita, que reuniu todos os outros partidos contra a candidatura de Paulo Sérgio Nunes (PT).

Em Icapuí (CE), cidade premiada pela ONU, o PT continuará administrando na próxima gestão, depois de vencer por larga margem Raimundo Lacerda Filho, do PSDB.

DERROTAS. As eleições de 92 não reconduziram ao poder administrações petistas que haviam surgido em diversas cidades, em 88. É o caso de Piracicaba, onde a candidatura de Antonio Storel, da coligação PT-PDT-PCdoB, não capitalizou as realizações do governo José Machado. A candidatura petista

sofreu a pesada concorrência de Mendes Thame, da coligação que reúne PSDB-PFL-PCDN-PV, e que contou com o apoio do PDS e PTB, somado ao forte lastro econômico da elite local.

Em Santo André, cidade com mais de 700 mil habitantes e 400 mil eleitores, Newton Brandão (PTB) foi eleito com mais de 50% dos votos válidos, cabendo a José Cicote (PT), da coligação PT-PCdoB-PSB-PC, cerca de 36%. Nas eleições passadas o PT obteve 49% dos votos.

Newton Brandão já é conhecido do eleitorado de Santo André. Foi prefeito e sua candidatura chegou a ser impugnada pelo Tribunal Regional Eleitoral, fato que acabou não se confirmando no TSE.

Comenta-se que uma das causas da derrota é o fato da candidatura de Cicote ter sido definida numa convenção com alto grau de disputa dentro do quadro de filiados do PT, e que reuniu três pré-candidatos no primeiro turno e dois no segun-

do. Embora surgido de um processo democrático, não obteve apoio de todo o partido, o que certamente provocou reflexos negativos no comportamento da militância e do eleitorado.

Em São Bernardo do Campo a eleição também está definida. Djalma Bom (PT) teve 38,52% dos votos contra 53,29% dados a Walter Demarchi, candidato do PTB. Foram 235 mil votos válidos para uma presença de 570 mil habitantes. Os votos brancos e nulos somaram 26,8%.

Embora tenha havido problemas no apoio ao candidato (Bom não era nome de consenso, nem o preferido do prefeito Maurício Soares), e na administração (fala-se sobre uma suposta intransigência do prefeito ao negociar aumentos de salários com os servidores), o fato mais relevante é que o PT manteve o patamar de 38%, alcançado em 1988. Desta vez, no entanto, PTB e PMDB, que nas eleições passadas disputaram em chapas separadas, unificaram-se e venceram.

OUTRAS CIDADES. Em João Monlevade, Laércio Ribeiro ficou com 9.800 votos, contra cerca de 11 mil de Germin Loureiro, do PMDB. O PT elegeu três vereadores.

Em Timóteo, cidade da Acesita, Perácio Bicalho teve 10 mil votos, contra 16.500 de Lelé da Cunha, do PMDB, apoiado por Newton Cardoso e Quércia.

Em Jaboticabal, José Gebara teve 11.735 votos, contra 14.976 de Adail Simioni, do PMDB e extensa coligação. A chapa que reuniu PT, PSDB e PSB elegeu cinco vereadores das 13 vagas da Câmara.

Em São João do Triunfo, Renato Delcomune (PT) teve 2.392 votos, contra 3.292 dados a Elia Demétrio do PTB, coligado com PDT, PST, PMDB e PRN. Para garantir sua eleição o PTB pagou contas de água e luz, distribuiu cestas básicas e caminhões de bugigangas contrabandeadas do Paraguai aos eleitores.

Em Severiano de Almeida, Conchase Amambai, o PT também não conseguiu eleger seus candidatos.

DERROTA EM 11 DAS 24 ADMINISTRAÇÕES PETISTAS

REELEIÇÃO		REELEIÇÃO	
Nordeste			
Icapuí(CE)	SIM	Santo André(SP)	NÃO
Janduí(RN)	SIM	São Bernardo(SP)	NÃO
Jaguaquara(BA)	SIM	Santos(SP)	2º TURNO
		São Paulo(SP)	2º TURNO
Centro Oeste		Vitória(ES)	NÃO
Amambai(MS)	NÃO	Illicínia(MG)	SIM
		Timóteo(MG)	NÃO
Sudeste		Monlevade(MG)	NÃO
Angra dos Reis(RJ)	SIM	Ipatinga(MG)	SIM
Cedral(SP)	(PT concorreu só com candidatos a vereador)		
Conchas(SP)	NÃO	Sul	
Cosmópolis(SP)	SIM	São João do Triunfo(PR)	NÃO
Diadema(SP)	SIM	Severiano de Almeida(RS)	NÃO
Jaboticabal(SP)	NÃO	Porto Alegre(RS)	2º TURNO
Piracicaba(SP)	NÃO	Ronda Alta(RS)	SIM





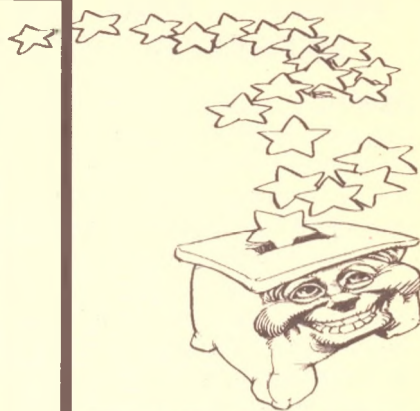
Celso Daniel: mais votos



Djalma : mantendo o eleitorado



Maurício Soares: sem continuidade



ELEIÇÕES 92

SÃO PAULO

CONFIRMAÇÃO E NOVIDADE

Luiz Carlos Pedro, o Luca, deputado estadual (PT), foi eleito para a prefeitura de São Vicente com 76.900 votos, que representam mais de 60% dos votos válidos. O segundo colocado, Miguel Pasquarelli (PDS), recebeu 8.109 (oito mil) votos. O colégio eleitoral da primeira cidade do Brasil é de 146 mil eleitores e 135 mil votaram, sendo que foram registrados 17 mil votos em branco e 15 mil nulos.

A União Democrática Vicentina, formada pelo PSB, PSDB, PV, PCdoB, PC e PT, elegeu 8 vereadores, sendo 4 do PT, 2 do PSB e 2 do PSDB, numa câmara com 21 cadeiras.

A vitória petista é atribuída à influência que a administração petista em Santos exerce sobre o eleitorado de São Vicente. A população vicentina trabalha, pratica lazer, utiliza os serviços públicos de Santos e percebeu a diferença existente entre a administração de Telma de Souza e o péssimo prefeito de São Vicente.

A cidade tem carência habitacional crônica e o transporte coletivo mais caro do Brasil (R\$ 3.000). Em 1988, Luca perdeu as eleições por uma margem mínima de votos.

Diadema, cidade do ABC paulista, elege novamente um prefeito do PT para administrar o município. Desta vez, foi eleito José di Fillippi Jr, com 50.368 votos contra 47.335 de Eliete Menezes (PSB), que substituiu seu marido Gilson Menezes, impugnado pelo TSE. Diadema tem 191.761 eleitores e 166.497 compareceram às urnas. Votaram em branco 40 mil e outros 16 mil eleitores anularam seus votos.

Durante toda a campanha eleitoral, o deputado estadual do PSB, Gilson Menezes, segundo vários institutos de pesquisas, apareceu na frente da preferência do eleitorado, chegando a quase 60% das intenções de voto.

Depois da impugnação de sua candidatura pelo TSE, sua esposa, Eliete Menezes, não conseguiu capitalizar para si a popularidade do marido. O PT passou na frente na reta final da campanha.

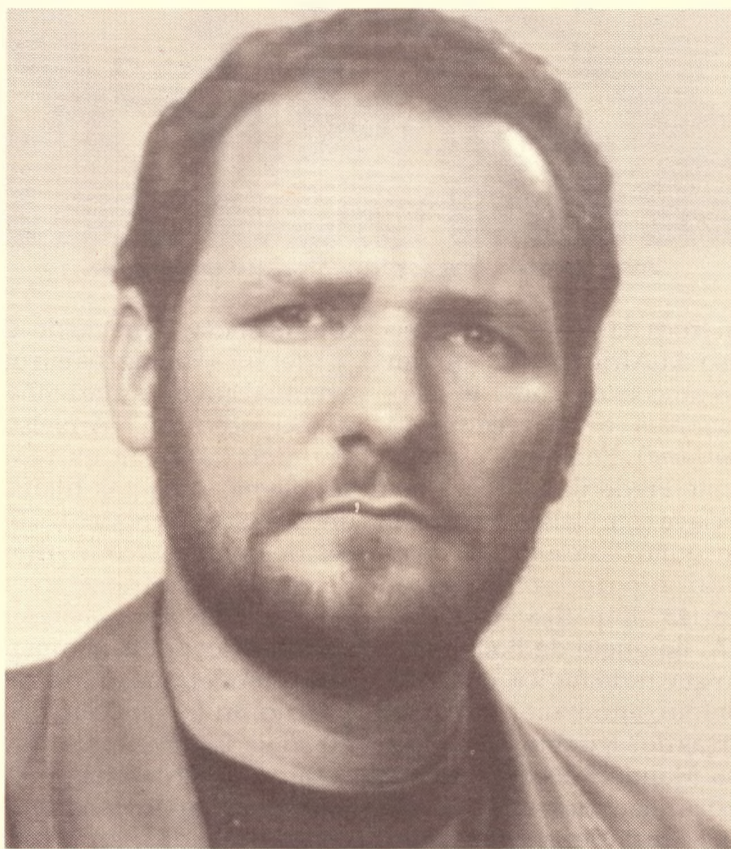
ESPIRITO SANTO

DERROTA EM VITÓRIA

A eleição de 3 de outubro em Vitória (Paulo Hartung, do PSDB, 58.087 votos, eleito; Luiz Buaiç, do PFL, 46.317; João Carlos Coser, do PT, 16.176 e José Gotardo, do PST, 5.473) deixou profundas marcas no PT. O candidato do partido, deputado estadual João Carlos Coser (coligado com o PDT - que indicou o vice, João Luiz Tovar -, PSB e PCdoB), acusa o prefeito petista Vitor Buaiç, cuja administração tem a aprovação da maioria dos moradores da capital, de ter se omitido na campanha.

O Diretório Municipal prepara no momento um calendário de discussões para avaliar os resultados da eleição, incluindo denúncias de que alguns candidatos a vereador pelo PT utilizaram, na boca de urna, cédulas com seus nomes e do candidato a prefeito do PSDB. O PT conseguiu manter a mesma bancada de três vereadores, elegendo Perly Cipriano, Pedro João Aguiar e Otaviano Carvalho (reeleito).

João Coser, que exerce o segundo mandato de deputado estadual, e que foi presidente do Sindicato dos Comerciantes, da CUT e do PT, encerrou, após o resultado eleitoral, o silêncio que manteve durante toda a campanha em relação às divergências internas do partido. Ele diz hoje que o fator determinante de sua derrota foi a posição pública tomada por Vitor Buaiç, logo depois da prévia realizada em abril, quando ele derrotou o candidato de Vitor, o vice-prefeito Rogério Medeiros. Coser lembra que, durante quinze dias, Vitor ocupou os meios de comunicação para dizer que, com o candidato escolhido, o PT não ganharia a eleição, pois lhe faltava densidade eleitoral, identificação com a administração e que, ao contrário, Coser tinha uma ima-



Coser ficou em terceiro lugar, apesar da aprovação popular à gestão de Vitor Buaiç.

gem pública de oposição ao trabalho que vinha sendo feito na prefeitura.

RECUSAS. A partir daí, segundo afirma Coser, Vitor se recusou a participar de qualquer discussão sobre a composição de uma frente partidária. E, quando a Frente Vitória foi consolidada, ainda de acordo com o deputado Coser, Vitor se recusou a participar da campanha. Teria proibido que a equipe do programa de TV de Coser filmasse internamente obras da prefeitura e promovido reuniões para impedir que o secretariado desse depoimentos (o único que não teria seguido esta orientação foi o secretário de Saúde, Pedro Benevenuto).

OUTRA VERSÃO. Do outro lado das discussões, o prefeito Vitor Buaiç se diz tranqüi-

lo, embora admita que sua participação na campanha foi tímida e nada ardorosa, como ele mesmo já havia anunciado. Para Vitor, a derrota do PT em Vitória se deve a diversos fatores que retratam as contradições internas do partido.

Ele enumera: 1) Coser não conseguiu se diferenciar dos demais candidatos, já que todos apoiavam a administração; 2) Foi oposição à administração durante seu primeiro ano, enquanto Paulo Hartung (o prefeito eleito e que é deputado federal) sempre defendeu (o que, segundo Vitor, ficou na memória da população) enquanto Coser não conseguiu apagar a imagem anterior; 3) O vice do PDT, João Luiz Tovar, empresário da construção civil, teve problemas no relacionamento com os trabalhadores, compondo uma chapa contradi-

tória (um ex-presidente da CUT e um ex-presidente do sindicato dos empresários da construção civil); 4) a aliança com o PDT e o governador Albuíno, que tem muito desgaste entre o funcionalismo, onde a militância do PT predomina.

E AGORA? Vitor justifica sua postura na campanha voltando ao tempo anterior à prévia promovida pelo partido. Segundo ele, Coser pregava uma chapa pura, criticava qualquer possibilidade de aliança com o PDT e fazia críticas à administração da prefeitura. Depois da prévia, Vitor diz não ter se sentido mais credenciado a participar do processo eleitoral e considera que seria falsidade política se não viesse a público colocar sua posição.

Ele rejeita a acusação de Coser de que, na verdade, seu candidato nestas eleições era o deputado Paulo Hartung. Mas diz que Hartung, cujo partido participou da administração de Vitória, conseguiu se identificar publicamente com a administração e deu garantias de sua continuidade, além de polarizar a disputa com o candidato do PFL.

Além dos fatores já citados, Vitor afirma que Coser enfrentou uma grande rejeição pessoal dos eleitores. Para ele, é o momento de reflexão e de debate sobre como recompor o partido em Vitória. Diz que não pensa, em hipótese nenhuma, em deixar o PT e que é candidato a governador em 1994.

Para Vitor, seria uma infantilidade alguém pedir sua expulsão do PT em consequência da derrota eleitoral. E defende um governo municipal de coalizão com o PSDB, caso venha a ser apresentada essa proposta. "Temos que assumir coletivamente nossos erros", conclui.

TINOCO DOS ANJOS
de Vitória, ES

PIMENTA SEM REFRESCO

FLMN. Causou *frisson* a entrevista com o ex-comandante da guerrilha salvadorenha Joaquín Villalobos, dizendo que a FMLN está próxima à social-democracia. É chato botar areia na sopa de alguns mitos difundidos *pela ai*. Especialmente quando uns e outros analisam menos a situação concreta do país e botam mesmo fé (essa é a palavra correta) em suas receitas eróticas políticas. Para os que tremeram nas bases com a entrevista, ela está gravadinha, e não só por este humilde escrevinhador, mas por outros dois colegas. Aliás, até agora, não recebemos qualquer reclamação oficial da FMLN...



MAX FIGUEIREDO

PROVOCAÇÃO. E já que a provocação (fraternal) foi lançada a propósito de El Salvador, vamos jogar mais uma pimentinha. Agora na ex-Iugoslávia, onde o glorioso "Partido Socialista Sérvio" (oficialmente o herdeiro do antigo regime) atacou outras três repúblicas, sob a desculpa de "defender a unidade do país e o socialismo". Alguns devem ter vibrado com esse "arroubo vermelho". É verdade que na guerra civil ex-iugoslava não há mocinhos nem bandidos: todos os lados (ou quase) têm lá suas recaídas de "purificação étnica". Mas, só pra atrapalhar quem cultua mitos, é bom lembrar que a agressão sérvia está na origem da carnificina iugoslava. Coisa bem pouco socialista, não?

GAYS. Esta coluna recebeu uma interessante publicação do Movimento pelos Direitos dos Homossexuais, da África do Sul. Embora se alinhe com a luta pela libertação nacional, o movimento denuncia o machismo nas organizações de esquerda. Seu maior alvo é o Congresso Pan-Africanista (PAC), uma facção bem à esquerda do CNA de Nelson Mandela, e que não participa das negociações para a transição política. Segundo a publicação, o PAC é "completamente machista". Quem diria...

JAYME BRENNER



ÁFRICA AUSTRAL

A paz em perigo

Assinado o acordo em Moçambique, mas continuam os conflitos na África do Sul e Angola.

Um dos cartões de visita que a Casa Branca apresentava para justificar a "Nova Ordem Mundial", posterior à Guerra Fria, foi a abertura de caminhos para a resolução dos conflitos no Sul da África: a luta entre a maioria negra e o regime racista da África do Sul, além das guerras entre governos de esquerda e rebeldes de direita em Angola e Moçambique. De fato, a guerra de quase 17 anos envolvendo o governo moçambicano e os rebeldes da Renamo (historicamente financiados pelos EUA e a África do Sul) parece perto do final, com eleições livres à vista. Em Angola, porém, a guerrilha da Unita não aceitou o resultado das eleições de outubro, que deram 60% dos votos ao MPLA, partido do atual presidente José Eduardo dos Santos. Falta pouco para que os rebeldes angolanos retomem as armas. E na África do Sul, apesar de o CNA de Nelson Mandela ter retomado as negociações com o governo para o desmantelamento gradual do regime racista, a democratização continua bloqueada. À sua frente, o CNA tem as forças repressivas do antigo regime, que continuam intactas, e o partido *Inkhata*, composto por uma minoria zulu que tradicionalmente apoiou o domínio branco.

O fim da Guerra Fria pavimentou a estrada para que as negociações no Sul da África se realizassem à revelia de cidadãos "geopolíticos". Assim, em Angola e Moçambique, soviéticos e cubanos aceitaram retirar tropas e assessores, em troca do fim do apoio dos EUA/África do Sul aos rebeldes da Unita e Renamo. A África do Sul também admitiu a independência da Namíbia, antigo território alemão ocupado pelos sul-africanos em 1918.

Tanto em Angola como em Moçambique e África do Sul, as conversações apontavam para o horizonte do pluripartidarismo, liberdade de expressão e, finalmente, eleições livres. Quanto à economia, as diferenças haviam se reduzido bastante nos últimos anos, já que os governos de esquerda abriram mão do marxismo, optando por um "neoliberalismo cuidadoso", e ligando-se cada vez mais às instituições financeiras internacionais.

NEGOCIAÇÕES E LUTA. A transição política regional, porém, empacou na resistência do governo branco sul-africano e dos rebeldes angolanos em aceitar a perda de privilégios,



José Eduardo dos Santos, vitorioso em Angola.

em troca da democracia (e no caso da África do Sul, do fim das sanções econômicas internacionais contra o regime do *apartheid*). Enquanto o presidente Frederik De Klerk negociava com Nelson Mandela, em junho deste ano partidários do grupo *Inkhata* massacraram 43 simpatizantes do CNA, no gueto de Boipatong. Ao que tudo indica, o *Inkhata* contou com o apoio efetivo das forças de segurança sul-africanas. Mandela decidiu retirar-se das negociações. Meses depois, duas dezenas de integrantes do CNA foram fuzilados pelo "Exército" do *bantustão* do Ciskei, um bolsão negro dirigido por títeres do governo da África do Sul.

É verdade que o CNA retornou às conversações no fim de setembro, após De Klerk ordenar a libertação de dezenas de presos políticos e proibir o uso em público das tradicionais lanças do movimento *Inkhata*. Mas o líder do partido zulu, Mangosuthu Buthelezi, promete retomar a

luta armada, com medo de perder suas vantagens em um eventual governo que tenha a participação do CNA. Nelson Mandela também enfrenta problemas em suas fileiras, onde cresce a pressão das bases, descontentes com o ritmo de tartaruga da transição.

E os indicadores econômicos da África do Sul não inspiram a moderação: o Produto Interno Bruto, que caiu 0,5% nos dois últimos anos, deve desabar 2% até dezembro. Sete milhões de sul-africanos estão desempregados; só o setor metalúrgico pôs na rua 35 mil trabalhadores no último ano. E a indústria da mineração, a mais importante do país, vem demitindo em média três mil pessoas por mês (maioria esmagadora de negros, é claro).

VOLTA ÀS ARMAS. O caso de Angola é mais complicado. O líder da Unita, Jonas Savimbi, acusou o governo de manipular os resultados eleitorais, o que é rechaçado pela ampla comissão internacional fisca-

lizadora do pleito. E a própria Casa Branca está acusando Savimbi de descumprir os acordos de paz.

O fato é que Savimbi não conseguiu fazer com que a Unita perdesse a imagem de um movimento étnico (ligado aos ovimbundu), enquanto o MPLA de José Eduardo dos Santos afirmou-se como a única formação pluriétnica de Angola. Durante a campanha eleitoral, Savimbi sofreu um duríssimo golpe com a deserção de dois ex-comandantes da Unita: Miguel Nzau Pina e Tony da Costa. Eles denunciaram vários massacres cometidos pelas forças de Savimbi, dentro e fora da organização guerrilheira. Essas denúncias tiveram muito mais peso do que as acusações de corrupção contra o MPLA.

Apesar do isolamento de Savimbi, a ameaça da Unita (que anunciou sua deserção do projeto de um Exército conjunto) tem peso, já que a organização conserva pelo menos 20 mil homens armados. E o fantasma da guerra volta a rondar um país que já chorou mais de meio milhão de mortos. Um país que já foi um dos mais ricos da África, era o quarto maior exportador mundial de café (200 mil toneladas ao ano em 1975, que desabaram para 15 mil), e um importante exportador de cereais (200 mil toneladas em 1975, que se transformaram em importações de 300 mil toneladas). Para completar o rol dos problemas de José Eduardo dos Santos, seu governo enfrenta um crescente movimento autonomista na região litorânea de Cabinda, onde estão as reservas angolanas de petróleo, hoje responsável por 90% da economia nacional.

A perspectiva mais imediata de paz na África meridional, portanto, restringe-se a Moçambique, que a guerra transformou no país mais pobre do mundo, além de deixar um saldo de um milhão de mortos. O governo do presidente Joaquim Chissano e a Renamo ao que tudo indica continuam firmes no acordo de desmobilização assinado em 1º de outubro, embora o teste definitivo certamente sejam as futuras eleições (e a reação dos derrotados). Ao contrário de Angola e da África do Sul, Moçambique não tem reservas minerais importantes. Sua relevância no continente era acima de tudo geoestratégica, de forma que, com o fim da Guerra Fria, a pobreza pode curiosamente representar o passaporte dos moçambicanos rumo à paz.

ANGOLA

População: 9,7 milhões
Produto Interno Bruto: US\$ 4,77 bilhões
Exportações: US\$ 1,4 bilhão
Importações: US\$ 1,2 bilhão
Renda per capita anual: US\$ 531
Mortalidade infantil: 137 por mil

ÁFRICA DO SUL

População: 32,3 milhões
Produto Interno Bruto: US\$ 86 bilhões
Exportações: US\$ 22,4 bilhões
Importações: US\$ 17,1 bilhões
Renda per capita anual: US\$ 2.460
Mortalidade infantil: 59,2 por mil

MOÇAMBIQUE

População: 15,2 milhões
Produto Interno Bruto: US\$ 1,1 bilhão
Exportações: US\$ 97 milhões
Importações: US\$ 625 milhões
Renda per capita anual: US\$ 80
Mortalidade infantil: 110 por mil



MÁRCIO KUHN

“A demolição do apartheid continuará com ou sem De Klerk”

“A demolição do apartheid continuará com ou sem o presidente Frederik De Klerk, porque a minoria branca já não pode governar o país como fazia antes.” A afirmação é do pastor anglicano Mike Palsley, capelão do Congresso Nacional Africano (CNA). Palsley, que nasceu na Nova Zelândia e é branco perdeu as duas mãos e um olho na explosão de uma cartabomba, em 1990. Hoje ele dirige o Programa de Intercâmbio Teológico (uma Organização Não Governamental), e visitou o Brasil para se encontrar com representantes da Teologia da Libertação. Segundo Palsley, que falou ao **Brasil Agora** em São Paulo, “o problema é que De Klerk discute a paz de manhã, enquanto as forças de segurança matam os opositoristas à noite”.



O governo sul-africano diz que a maior parte das vítimas da violência política no país surgem dos conflitos entre as próprias facções negras. É verdade?

Não. O fundamental é a violência do Estado. De Klerk usa uma velha tática dos colonizadores, tratando de aparecer como o “bom homem branco”, racional, diante de enormes disputas tribais entre os negros. Mas o governo sempre tentou colocar uma cunha dividindo a população, de forma a aproveitar cada disputa interna à maioria negra. Veja-se que o regime financeiro há muitos anos o partido *Inkhata*, que teoricamen-

te representa os zulus. Mas o *Inkhata* descarrega a sua violência contra o CNA por temer o futuro democrático. Além disso, não há evidências de que De Klerk tenha eliminado os esquadrões da morte. A bomba que me feriu, por exemplo, foi enviada dois meses depois do início das negociações, ao que parece pelas forças de segurança do Estado.

Você acredita que as dificuldades nas negociações na África do Sul trarão problemas para os processos de paz em Angola e Moçambique?

Creio que Moçambique e Angola têm suas próprias dinâmicas. Mas é preciso lem-

brar que foi a ação do regime do apartheid que permitiu aos terroristas da Renamo e Unita resistirem por tanto tempo, e até ganharem *status* suficiente para negociar. Mesmo assim, acho que os partidos que hoje governam Angola e Moçambique têm um forte apoio popular, que garantirá sua hegemonia contra os terroristas.

Como ficou a posição ideológica do CNA, depois do fim do bloco socialista?

Embora mantenhamos uma aliança tradicional com forças como o Partido Comunista Sul-Africano, não somos marxistas. O CNA é um mo-

vimento de libertação nacional, comprometido com a construção de uma sociedade pluralista e democrática, baseada na economia mista. Mas temos o compromisso de distribuir melhor a riqueza e a terra.

Hoje em dia, os cinco milhões de brancos do país possuem 87% das terras cultiváveis. E há mais de cinco milhões de pessoas sem-teto.

Agora que estou visitando a América Latina, posso ter uma noção exata de como a democracia e o voto livre são importantes, porém insuficientes. É necessário uma igualdade maior de oportunidade.

Você trabalha como capelão do CNA. Como é a relação entre seu partido e as diferentes comunidades religiosas do país?

OCNA se apresenta como um bloco nacional, multiétnico e multirreligioso.

Assim, há no partido 14 capelães de várias religiões, cujo objetivo é dinamizar o diálogo entre os diferentes grupos.

Creio que, pouco a pouco, estamos construindo no CNA um modelo de convivência democrática, que será fundamental para a sociedade do futuro.

MÁRCIO KUHN

Por que eu assino Brasil Agora?



Assino o **Brasil Agora** porque este é o único jornal que está, cada vez mais, perto do povo

Benedita da Silva
Deputada Federal e candidata a Prefeita/RJ

PREENCHA EM LETRA DE FORMA. Envie cheque nominal e cruzado à EDITORA BRASIL AGORA LTDA, Alameda Gleite, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215 - São Paulo/SP - Fones (011) 222.6318, 220.7718 e 223.2974

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____

FONE _____ UF _____ CEP _____

PROFISSÃO _____

- Assinatura 12 edições Cr\$ 80.000,00
- Assinatura para o exterior (semestral US\$ 30,00)
- Assinatura 25 edições (anual) Cr\$ 160.000,00
- Assinatura de apoio (anual) Cr\$ 248.000,00

BRASIL AGORA



Assine você também

Os PMs abriam a porta das celas e gritavam: "Chegou a morte!" Tinha gente que pedia pelo amor de Deus, já rendido, com as mãos na cabeça. Eles diziam que ali não tinha Deus, tinha só o Choque. Mataram gente que estava em cima da cama, de costas no chão, de todo o jeito.

Milton Marques Viana, 37 anos

Sou bandido, roubei, estou pagando por meus crimes, mas o que passei nunca mais vou esquecer e nenhum homem pode deixar de saber que, mesmo sendo criminosos, somos humanos.

Cláudio Pereira, 42 anos, condenado a 12 anos



SÉRGIO ANDRADE/FOLHA IMAGEM

"QUEREMOS JUSTIÇA PELA VIDA E NÃO JUSTICEIROS CARNICEIROS"

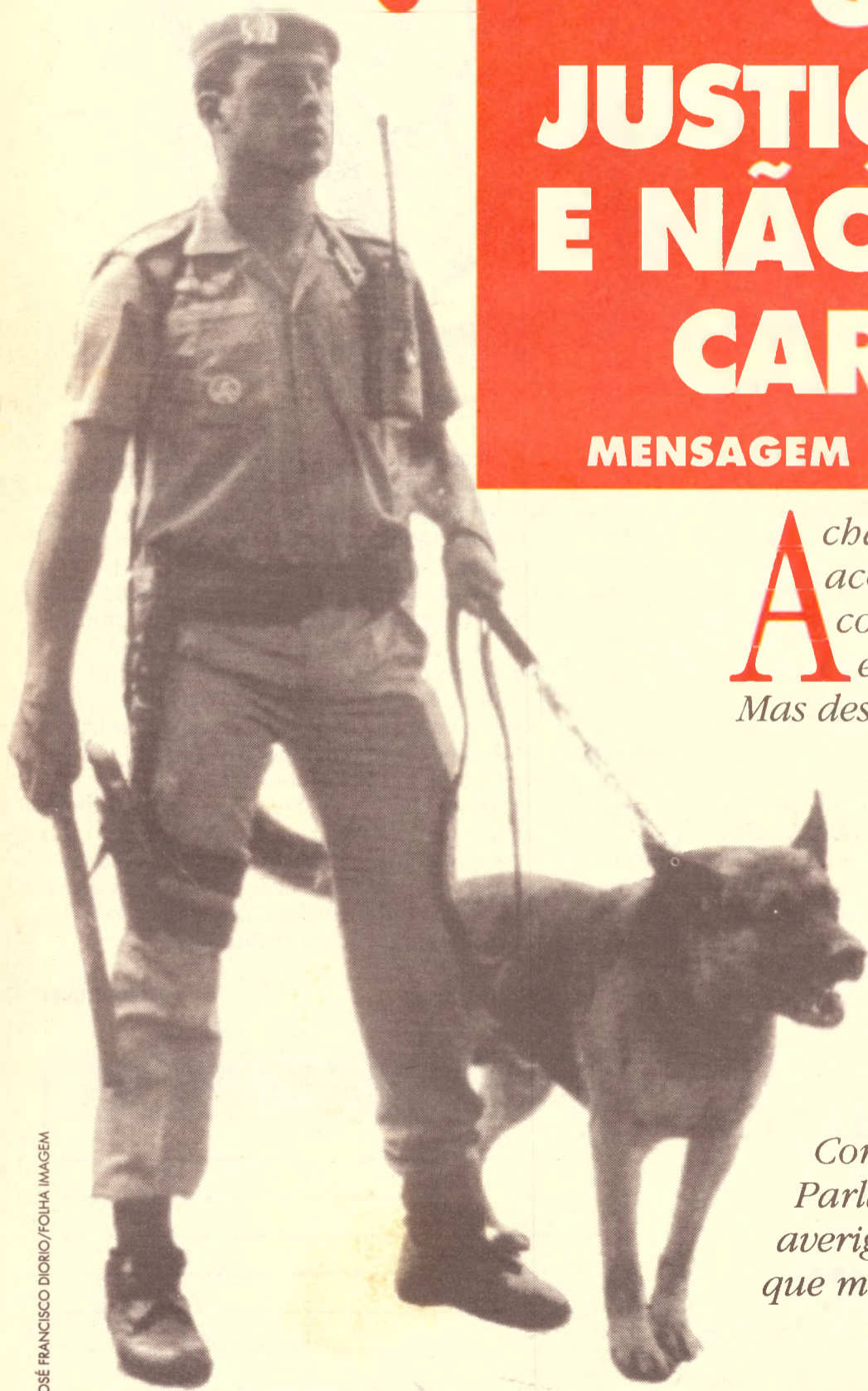
MENSAGEM DOS DETENTOS DO CARANDIRU

A chacina da Casa de Detenção é destes acontecimentos que não podem ser compreendidos nem avaliados em toda a sua extensão no primeiro momento.

Mas desde já, cabe a indignação que acompanha a primeira reação de horror. E a disposição de averiguar como foi possível este desatino. Invadir antes de negociar, atirar com superioridade absoluta de meios antes de avaliar, deixar-se possuir pela fúria que não tem limites, tornam a força policial mais do que suspeita de disposição para a violência inútil e o culto da brutalidade.

Por isso, é insuficiente nomear uma Comissão Interna de Inquérito. Só uma Comissão Parlamentar garantirá que a verdade vai ser averiguada e que a sociedade ficará sabendo em que mãos anda a sua segurança.

Antonio Cândido



JOSÉ FRANCISCO DIÓRIO/FOLHA IMAGEM



BRASIL
AGORA

